

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Ariane O. Szymanski

O ESPAÇO DO DIÁLOGO NO JORNAL NACIONAL

Passo Fundo

2017

Ariane O. Szymanski

O ESPAÇO DO DIÁLOGO NO JORNAL NACIONAL

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação de Ma. Nadja Maria Hartmann.

Passo Fundo

2017

Ariane O. Szymanski

O espaço do diálogo no Jornal Nacional

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação de Ma. Nadja Maria Hartmann.

Aprovada em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Nadja Maria Hartmann – UPF

Prof. _____ - _____

Prof. _____ - _____

Podemos dizer que o progresso é como se fossem várias falhas, e claro, você pode ter sentimentos sobre isso, mas você não pode desmoronar. E então, um dia, você irá ter sucesso. Com isso, meus agradecimentos vão inteiramente para minha mãe, Osandia, que me apoiou em todos os momentos, nunca me deixando desistir, e sempre acreditando no meu potencial. Para meu pai, Gladstone, que sempre esteve presente, me passando conforto e muitas energias positivas. Para meu irmão, Ariel, que não está presente em corpo, mas sei que está comigo em espírito em todos os momentos importantes da minha vida. Para meu amigo Cristian, que esteve comigo desde o primeiro dia de faculdade, nosso companheirismo e amizade é indispensável na minha vida. E para meu amigo Daniel, que suportou todas as minhas loucuras e nunca desistiu de mim. E por último mas não menos importante, para a professora Nadja, que me ajudou, me orientou, trouxe novas ideias aprimorando meu estudo, e também me fortaleceu me fazendo acreditar na minha capacidade. Agradeço profundamente todos vocês, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

"Knowing is better than wondering. Waking is better than sleeping, and even the biggest failure, even the worst, beats the hell out of never trying." – **Grey's Anatomy**

"We spend our whole lives worrying about the future, planning for the future, trying to predict the future, as if figuring it out will cushion the blow. But the future is always changing. The future is the home of our deepest fears and wildest hopes. But one thing is certain when it finally reveals itself. The future is never the way we imagined it." – **Grey's Anatomy**

RESUMO

O presente estudo se baseia na análise do diálogo presente no programa televisivo Jornal Nacional da Rede Globo. No ano de 2015 foi feita uma proposta de mudança no formato do telejornal em questão; a partir deste fato, a escolha da pesquisadora foi analisar se houve ou não aumento deste diálogo no Jornal Nacional. A partir da análise de conteúdo idealizada o trabalho buscou entender a evolução do espaço do diálogo no telejornal desde o ano de 2010, e também qual é o espaço que o âncora tem no telejornal, como é sua liberdade de expressão, se ela existe através de diálogo. Considera-se, por conseguinte, a partir das categorias de análise que foram elaboradas e empregadas na amostragem, que o Jornal Nacional obteve apenas mudança no formato do diálogo, mas não obteve aumento do mesmo, tanto de forma verbal quanto não verbal.

Palavras-chave: Diálogo. Interação. Jornal Nacional. Linguagem. Telejornalismo.

ABSTRACT

The present study is based on the analysis of the dialogue/interaction present in the television program Jornal Nacional, broadcast by Rede Globo. In 2015, a proposal was made to change the format of the TV newscast in question; based on this fact, the choice of researcher was to analyze whether or not there was an increase in this dialogue/interaction contained in the Jornal Nacional. Based on the analysis of idealized content, the work seeks to understand what has happened to the dialogue in the TV newscast since 2010, and also what is the space that the anchor has in television news, as is its freedom of expression, if it exists through dialogue. It is considered, therefore, from the categories of analysis that were elaborated and used in the sampling, that Jornal Nacional But rather did not increase it, either verbal or non-verbal.

Keywords: Dialogue. Interaction. Jornal Nacional. Language. Telejournalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Âncoras no estúdio: Amostra 01.....	42
Figura 2 – Âncoras no estúdio: Amostra 02.....	46
Figura 3 – Âncoras no estúdio: Amostra 03.....	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tipos de interação.....	38
Tabela 2 – Interação Dialógica/Interação não verbal.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. TELEJORNALISMO.....	13
2.1 “Um gênero poderoso chamado telejornal”	14
2.2 O formato telejornal.....	16
2.2.1 Linguagem e formatos.....	17
2.3 O papel dos âncoras.....	19
2.4 Âncora e repórter.....	24
3. JORNAL NACIONAL.....	25
3.1 Atingimos o objetivo ontem?	29
4. FORMAS FUNDADAS NO DIÁLOGO.....	31
4.1 A linguagem não verbal.....	34
4.2 Interação.....	36
5. METODOLOGIA E ANÁLISE.....	40
5.1 Descrição 01: JN exibido em 08/01/2010 (Anexo 1).....	42
5.1.1 Análise 01: JN exibido em 08/01/2010.....	44
5.2 Descrição 02: JN exibido em 20/01/2015 (Anexo 1).....	46
5.2.1 Análise 02: JN exibido em 20/01/2015.....	48
5.3 Descrição 03: JN exibido em 20/02/2017 (Anexo 1).....	50
5.3.1 Análise 03: JN exibido em 20/02/2017.....	52
5.4 Análise Quantitativa.....	53
5.5 Análise Qualitativa.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57

1. INTRODUÇÃO

O Jornal Nacional obteve mudanças nas formas de linguagem e diálogo com o passar dos anos. A grande mudança deu-se em 2015, quando o telejornal adotou um novo formato. Frente a esta evolução, o Jornal Nacional, da TV Globo, que era tido como um telejornal padrão e que fazia o uso de uma linguagem estritamente formal, se viu obrigado a mudar conceitos relacionados a sua linguagem. O novo formato do JN segue o movimento notado no telejornalismo em todo o país, no sentido de conseguir manter os níveis de audiência.

Diante do exposto, a pesquisa se justifica no sentido de acompanhar a evolução e consequente mudança no telejornal. A porta do referencial teórico e análise, o trabalho teve como base o seguinte propósito de pesquisa: analisar o espaço de diálogo no Jornal Nacional, especificado como o diálogo que ocorre dentro do estúdio, ou seja, entre os âncoras ou entre os âncoras e repórteres. Neste trabalho, o diálogo é todo tipo de interação que acontece, ou seja, interação dialógica e não verbal.

Na pesquisa, foi feita uma análise do espaço do diálogo, se ele mudou ou cresceu no decorrer desses anos; o diálogo foi analisado em três edições do Jornal Nacional, dos anos de 2010, 2015 e 2017. Com isso, tendo como foco o diálogo, serão identificadas e registradas algumas mudanças na linguagem que o telejornal teve de se submeter.

Dentre os objetivos desta pesquisa buscou-se saber se houve maior abertura para o âncora inserir interação verbal e não verbal durante as edições do telejornal.

No segundo capítulo deste trabalho, iremos encontrar o Telejornalismo, e os conceitos de Porcello e Sartori (2013), assim como Becker (2005), Meditsch (2013) e Bittar (2015); ainda trata de Linguagem e Formatos, começando a explanação com os conceitos de Roldão (2001), e seguindo com Gomes (2013) e Rezende (2000), e também do Papel dos Âncoras, que é em conformidade com Silva (2009), Ramos (2016), Squirra (1993), Rezende (2000), Casoy (1993) e Cunha (1990).

Já no terceiro capítulo será encontrado o nosso objeto, o Jornal Nacional, e nele os autores Ramos (2016), Bonner (2009) e Castro (2015). E chegando no quarto capítulo, as formas fundadas no Diálogo são tratadas com os conceitos de Machado (2005) e Córdias (2006), o quarto capítulo ainda explana a Linguagem Não Verbal e a Linguagem Corporal, segundo os conceitos de Aita (2011), Davis (1979) e Cotes (2008). Apresenta também o conceito de Interação, onde foram usados os conceitos de Primo (2011).

No quinto capítulo será encontrada a metodologia e análise, usando os conceitos de Bardin (2012), para a análise de conteúdo.

Para responder o propósito explicitado, o método utilizado foi análise de conteúdo, a partir dos conceitos de Bardin (2012), que se encontra no oitavo capítulo. De acordo com a autora, analisando superficialmente, a linguística e a análise de conteúdo se enquadram em um mesmo objetivo: a linguagem. Indo mais a fundo, vemos que o que marca a diferença é que a *língua* e a *fala* é a origem da linguística, sendo assim, o foco da linguística é a língua, no aspecto coletivo o que dá destaque à linguagem. Já a análise de conteúdo, é a fala, isto é, o aspecto individual. E também foi utilizada a análise quantitativa, para fazer a quantificação das interações que ocorreram nas amostras escolhidas para análise.

As portas do referencial teórico se abriram para as seguintes categorias: perfil do âncora e tipologia de âncora, segundo os conceitos de Silva (2009), diálogo falado segundo Machado (2005) e Cárrias (2006), e ainda linguagem/interação dialógica e não verbal, de acordo com Aita (2011), Davis (1979), Cotes (2008) e Primo (2011).

2. TELEJORNALISMO

Partindo de um texto publicado em 1929, Robert E. Park já tinha a ideia da imprensa como produto de modernidade. As notícias para ele eram consideradas o controle social. Na época ele se referia ao jornal impresso, que tentava sobreviver à vida moderna. Lutava para manter-se vivo e influente. Se não fosse lido, perdia sua força, medida pelo número de leitores. Nessa época, os EUA passavam por um momento de forte industrialização e urbanização. O interessante é que notícia daquela época e notícia dos dias atuais não mudam muito seus conceitos, pois após 80 anos a luta pela audiência é a luta travada diariamente.

De acordo com Porcello e Sartori (2013), nos dias atuais o jornal impresso cedeu seu espaço ao telejornalismo. Inegavelmente muitas mudanças ocorrem seguidamente no telejornalismo brasileiro em razão da entrada de milhões de pessoas no mercado de bens de consumo no Brasil. Para lidar com esse expressivo número de pessoas recém chegadas, e com o intuito de aumentar a audiência, os telejornais se renderam à mudança de sua linguagem verbal e não verbal para conseguir atingir esse novo público.

Ainda de acordo com os autores, 31 milhões de pessoas, só na última década entraram para a classe C, sendo essa a predominante no Brasil, pois representa 54% da nossa população. Agora, a classe C conta com aproximadamente 103 milhões de brasileiros. Sendo denominada nova classe média (NCM).

Com essa grande migração, obrigatoriamente a TV aberta se viu pressionada a mudar sua “estética”; com novos conteúdos informativos, em outra linguagem, pois precisa abranger este contingente populacional que estava fora do mercado de consumo para a nova classe média. A TV aberta agora conta com uma grande concorrente; a TV por assinatura. Pois o número de telespectadores com acesso a esse tipo de mídia aumentou consideravelmente. Em 2012 31% dessa nova classe C, já tinha acesso da TV por assinatura.

Em 2013, viu-se na programação, estratégias para atingir o público que compõe a nova classe média. A protagonista da nova *Salve Jorge*, exibida no horário das 21h, era moradora de uma comunidade carioca, onde boa parte da trama estava ambientada. Nos telejornais, assuntos como a PEC das domésticas ganharam ampla repercussão e ocuparam espaço em várias edições. (PORCELLO, Flávio; SARTORI, Débora, 2013, p. 04).

Em conformidade com Porcello e Sartori (2013), o telejornalismo se tornou nos dias atuais um laço social, pois na tentativa de se aproximar com o público que antes não tinha

poder aquisitivo, agora transformou-se numa audiência com retorno publicitário na forma de consumo; percebe-se então a mudança de estratégias dos telejornais.

Os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos partícules (as regras da redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação produzem discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias. (VIZEU, 2005, p. 24).

Segundo Porcello e Sartori (2013), claramente nota-se que cada profissional dentro das regras de redação de seus telejornais, buscam sua maneira nos processos produtivos, antecipar se a notícia terá ou não a audiência buscada. Através da ideia que os jornalistas têm sobre quem pensam em atingir quando redigem, editam, e falam suas notícias. Para o jornalista a notícia tem como foco “fazer saber”, tem a intenção clara que o telespectador acredite que o que eles estão dizendo é verdade, o jornalista precisa trazer ao telejornal notícias relevantes; mas a noção econômica tem que estar presente, pois o jornalismo está inserido em uma lógica mercantil. Visivelmente o público é visto a partir de seu poder econômico.

Ainda seguindo a linha de pensamento dos autores (2013), a percepção do telejornal atual é que é produzido para uma determinada classe social, como o uso da linguagem verbal, quanto maior o número de pessoas o telejornal pretende atingir, o discurso torna-se mais “vulgarizado”.

2.1 “Um gênero poderoso chamado telejornal”

Nos discursos midiáticos e também na programação das redes, os telejornais vendem credibilidade e atraem investimentos. Além disso, promovem uma experiência coletiva e cotidiana na ação (BECKER, 2005). Os telejornais ganharam um espaço tão relevante na televisão brasileira que estão ganhando cada vez mais valor comercial de *break*, sendo o mais caro de toda a programação das emissoras abertas, e o *break* mais caro na atualidade, é durante o Jornal Nacional, da Rede Globo, o que as vezes acaba prejudicando a qualidade das notícias apresentadas. Tanto é que a qualidade e a diversidade se manifestam na produção telejornalística brasileira, a partir de recentes mudanças nas linhas editoriais do Jornal Nacional, por exemplo, tentam promover uma experiência coletiva e cotidiana da nação, na maioria das vezes formando opiniões irreais (BECKER, 2005). Como diz a autora:

Ao representar os fatos sociais, constituem a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais. Produzem um território simbólico de tamanho poder que ganhou, nas reflexões críticas, sobre as mediações dos meios o conceito de telerealidade; um poder também comprovado financeiramente, apontando para os noticiários um surpreendente valor comercial. (BECKER, *Revista Galáxia*, São Paulo, n.10, p.51-64, dez. 2005).

Já em outra percepção, Becker (2005) afirma que é preciso ter muito cuidado ao assistir um telejornal, não devendo acreditar 100% no que nos foi exposto, pois os textos provocam efeitos de realidade, e se confundem com o real, porque os personagens são reais e os fatos são a matéria prima da produção. Estão perigosamente na tênue fronteira entre a narrativa e o acontecimento, e mediante seus dispositivos audiovisuais constituem-se no “espetáculo da atualidade” (BECKER, 2005).

Ainda em conformidade com Becker (2005), a linguística usada na maioria das notícias reportadas é mais para conseguir convencer o telespectador, do que explicar amplamente todos os detalhes da reportagem. Os diretores dos telejornais escolhem a dedo a lista de notícias, e na ordem em que vão ir ao ar, em cada edição, bem como sendo pré-determinado tempo de duração que cada notícia terá espaço no ar. A importância e a prioridade das notícias estão associadas ao conceito de visibilidade, uma forma de seleção que promove a atenção e o interesse público sobre determinados temas e valores em detrimento de outros. Esta lógica da produção está mais interessada ao padrão do mercado e as rotinas produtivas, do que as notícias em si.

É o que vem acontecendo nos últimos anos com a editoria do Jornal Nacional, por exemplo, antes era usada uma linguística mais formal e objetiva, mas para atrair audiência estão buscando usar uma linguística mais informal e subjetiva. (Becker 2005).

Apesar de seu presumido imenso impacto sobre a sociedade, o telejornalismo ainda é muito pouco estudado, e em consequência pouco conhecido. Por ser tão público, não há quem não tenha sobre ele uma opinião, geralmente carregada de preconceito. Mas poucos se dão ao trabalho de uma pesquisa realmente científica sobre um dos mais importantes fenômenos do mundo contemporâneo, ou possuem a qualificação exigida para tanto. (MEDITSCH, Eduardo. *apud #telejornalismo: nas ruas e nas telas*, 2013, p.15)

Segundo Meditsch (2013), o “telejornalismo” ainda é um tabu no meio jornalístico. Podendo ter como exemplo: os investidores da emissora onde o telejornal é apresentado exigem resultados financeiros, o que deixa os diretores em um conflito entre a ética jornalística e o sensacionalismo; dentre tantas notícias cotidianas quais são as mais relevantes

e quais as mais apelativas, e a difícil escolha em selecioná-las para serem ou não reportadas, ficando os diretores em uma situação desconfortável; surge também a grande dúvida do apresentador diante de algumas notícias, que tipo de linguística oral e visual usar, questionando-se sobre expor a notícia sobre todos os ângulos ou de uma maneira específica a convencer o telespectador sobre a ideia que sua emissora quer repassar.

Continuando com o pensamento de Medistch (2013), temos pouca exploração sobre o que seria nos dias de hoje um verdadeiro telejornal, acima de tudo imparcial e preocupado em deixar o telespectador bem informado sobre o que está acontecendo nos dias atuais sem máscaras e sem medo de futuras retaliações.

2.2 O formato telejornal

Na prática o telejornalismo segue parâmetros predeterminados para que a edição do dia transcorra dentro do período predeterminado (horário), mantendo audiência durante toda a sua apresentação.

De acordo com Bittar (2015), é preciso levar a técnica muito a sério e entender todos os termos. O telejornal, não é só aquilo que se vê em frente à televisão, telejornal é muito mais que isso. Por trás das câmeras existe muito mais, como o BG, por exemplo, que pode ser conhecido como som de fundo, o *background*. O bloco é cada parte do telejornal, e o *break* é o intervalo do próprio. A cabeça é muito importante, porque ela é a introdução da reportagem, a notícia sintética; é o texto lido pelo apresentador para explicar o tema da reportagem que vem a seguir. A chamada pode ser um vídeo curto para mostrar o que vai ser exibido naquela edição.

Ainda em conformidade com Bittar (2015), escalada é a parte em que os principais temas do telejornal são lidos pelos âncoras em forma de manchete, logo no início do programa. GC também é de suma importância pois é ali que contém as informações na sua tela, é o gerador de caracteres. *LEAD*, ou também conhecido como lide, pela forma que é falado, em inglês significa guia, condução; é sempre o que vem na frente da reportagem e pode servir para o telespectador uma linha geral do conteúdo da notícia. Nota pelada é uma nota sem imagens, já a nota coberta ao contrário, uma nota com imagens. O famoso *OFF* é o texto falado do repórter.

Em continuidade com o pensamento de Bittar (2015), passagem é quando o repórter aparece durante a matéria gravada, geralmente a passagem do repórter é para ressaltar alguma

informação da notícia em questão. O *teleprompter*, ou mais conhecido como TP, é um equipamento que fica agregado à câmera, permitindo que o âncora faça a leitura dos textos durante o telejornal. Levando-se em conta todos esses procedimentos técnicos e ainda muitos outros, uma edição de um telejornal tem toda a probabilidade de conseguir o seu intento.

2.2.1 Linguagem e formatos

De acordo com Roldão (2001), os principais telejornais brasileiros utilizam-se de manuais semelhantes, utilizados nos cursos de graduação em jornalismo, regras técnicas, entre elas as de redação estão presentes nestes manuais. Atualmente o manual de telejornalismo da Rede Globo está sendo supostamente seguido nas emissoras concorrentes também, principalmente no eixo Rio-São Paulo, pois é nestas cidades que estão instaladas as redações que abrangem os telejornais em âmbito nacional.

Ainda com o pensamento da autora, a linguagem utilizada nos telejornais da atualidade tenta nivelar padrões, buscando uma linguagem comum, de compreensão natural, sem deixar de levar em conta variedades geográficas ou sócio culturais dos telespectadores. Então, a linguagem e a expressão oral do telejornalismo, segue padrão de linguagem e escrita dentro das normas gramaticais, e também, no padrão oral (coloquial), buscando utilizar a linguagem usada no cotidiano da população. Os telejornais tendem ainda a usar uma linguagem falada mais tensa para situações formais. Dentro de um mesmo telejornal podemos notar dois estilos de linguagem, o estilo escrito lido pelo apresentador, e a linguagem do repórter e a naturalidade da fala da população. Isto é, a linguagem do âncora e a do repórter in loco são distintas, já que as condições desses dois profissionais são diferenciadas, o âncora já possui previamente a redação da notícia a ser divulgada, e o repórter na rua mesmo escreve seu texto (ROLDÃO, 2001).

De acordo com a autora, o repórter, tem que utilizar de influências extralinguísticas como tema da reportagem, local do acontecimento, pressões políticas, censura, e emissora, os editores redigem as matérias na redação e contam com mais tempo até para trocar ideias com os colegas, ou editor chefe; tem a chance de escolher palavras exatas para dar maior enfoque à notícia.

Em conformidade com Roldão (2001), a linguagem do vídeo, a figura do apresentador, ou do animador, procura demonstrar identidade familiar inerente à mensagem televisiva. Pois a aceitação dos apresentadores por parte do público, se dá pelo tom familiar e coloquial com que os mesmos conseguem manter. Para compreendermos a linguagem do telejornalismo é

preciso ter o entendimento que as transformações linguísticas não são fenômenos isolados na sociedade, mas refletem mudanças operadas na sociedade ou de uma situação social.

Como já citado, os telejornais, começando pelo JN tiveram como base conceitos e valores do jornalismo norte americano. Regras de redação organizadas foram implantadas há aproximadamente três décadas, atualmente, cada telejornal segue estilo diferenciado dentro da linguagem chamada “coloquial”. (ROLDÃO, 2001). A linguagem escrita para ser falada na TV, é uma fusão do padrão da linguagem escrita com o padrão da linguagem oral, criando assim cada redator seu padrão próprio.

Segundo Roldão (2001), muitas palavras utilizadas na redação da expressão oral, procuram reduzir a objetividade dos manuais como sua forte característica. Hoje, já não é tido como regras técnicas codificadas com origem no padrão norte americano.

Ainda seguindo o raciocínio de Roldão (2001), a linguagem escrita e a linguagem oral possuem características próprias bem diferenciadas. Claramente hoje busca-se a aproximação da linguagem falada e da escrita, pelos meios de comunicação em massa. A imprensa serve-se de uma norma comum, intermediária que consiga satisfazer seu alvo. Sempre aproximando sua linguagem falada obedecendo à ortografia oficial para não chocar as tradições escritas.

Podemos verificar que, mesmo a veiculação sendo de caráter oral, o processo de construção da notícia na televisão apresenta características bivalentes, tendendo muitas vezes para um tipo de estruturação do texto típica da escrita. Partindo dessas características iniciais da escrita e do oral, uma das questões colocadas para nós é verificar, na prática, como se caracteriza o texto dos telejornais. (ROLDÃO, 2001, p. 10).

Continuando a explorar linguagem, e juntando como foco, o telejornalismo, Gomes (2013), afirma que o telejornalismo é o meio de comunicação de divulgação de notícias mais popular no Brasil, pois, além de estar presente em todos os canais abertos da TV brasileira, destacando o Jornal Nacional da Globo que tem a maior rede de cobertura no território nacional, ganha em disparada essa disputa entre os demais meios de informação, como por exemplo os jornais escritos, rádio, internet; pois dispõe de uma grande arma, senão a maior, o uso de imagens televisivas, o que prende a atenção de quem está acompanhando as notícias.

Ainda de acordo com Gomes (2013), o uso destas imagens é de suma importância, mas de nada adiantaria senão houvesse boas narrativas, não somente na linguagem oral, mas também como expressões físicas, gestos e interatividade do apresentador com os telespectadores. Bem como a imagem, exemplo, vestuário, maquiagem e penteado dos

apresentadores não deve se sobressair às imagens exibidas no telejornal; isto é, devem ser discretos.

No telejornalismo, o componente da imagem faz muita diferença. A variedade de imagens oferecidas aparece também como um forte apelo para a audiência e, de modo a manter o telespectador preso no fluxo televisivo, no telejornalismo as imagens são estruturadas de acordo com a estética de produção da mercadoria. (GOMES, Itânia. APUD #telejornalismo: nas ruas e nas telas, 2013, p.225).

Segundo Rezende (2000), durante suas diversas pesquisas e entrevistas com diretores e apresentadores de telejornais para a produção do livro *Telejornalismo no Brasil*, existe o provérbio chinês que diz: “uma imagem fala mais do que mil palavras”, mas com o passar do tempo e com aprendizagem e experiência, esses profissionais acabaram em concordar que a palavra deve estar casada com a imagem. Como exemplo: “Texto e imagem devem harmonizar-se de modo a atrair o máximo interesse do telespectador, sem apelar para qualquer forma de sensacionalismo.” (ANDRADE, apud *imprensa*, 1997, 114:21).

2.3 O papel dos âncoras

No Brasil a primeira vez que se ouve falar em âncora data-se de 1976, quando então a rede Globo cobriu as eleições municipais, um plano interno foi traçado, Melo e Souza registram que desse documento constava ... uma sugestão importante: o repórter Costa Manso como uma espécie de ‘*anchorman*’” (SQUIRRA, 1993, p. 118).

Desta época (1976) até 1988 muitos jornalistas se autodenominaram âncoras, mas para estudiosos do telejornalismo, este papel só começou oficialmente com o jornalista Boris Casoy em 1988, sendo controverso pois alguns jornalistas consideram Joelmir Beting, já falecido. Levando em conta que Boris Casoy continua sendo âncora no telejornal que apresenta, é assim considerado como o âncora mais bem sucedido do país, devido ao longo período que permanece em rede nacional (SILVA, 2009).

A autora ainda ressalta que a partir do surgimento do primeiro âncora, os outros canais ficaram cientes da importância de se ter à frente dos seus telejornais um jornalista capacitado para se tornar seu âncora. A Globo, mantenedora de ampla audiência mantinha seu estilo frio inalterado. Nas eleições de 1989 quando o JN exibiu uma edição com repercussão negativa referente ao último debate entre Fernando Collor e Lula, a emissora se viu pressionada a mudar sua estratégia e passou a adotar um jornalismo de rua, fora do estúdio.

De acordo com Rezende (2000), isso se mostrou positivo com a maior cobertura externa que foi a Guerra do Golfo em 1991, que teve presença marcante de jornalistas trazendo

notícias ao vivo dos lugares de conflito. A Globo mostra seu potencial jornalístico e tecnológico igualado ao das grandes redes mundiais de televisão.

Isto foi de suma importância para a Globo admitir que precisava se enquadrar ao modelo de possuir um jornalista no processo da elaboração do jornal para repercutir maior credibilidade, ou seja, um âncora (SILVA, 2009).

É assim que em abril de 1996, os apresentadores símbolos do maior telejornal do país, Cid Moreira e Sergio Chapelin, se despedem do *JN* para dar lugar ao casal de jornalistas William Bonner e Lílian Witte Fibe. Na verdade este foi um momento de mudança geral no telejornalismo da *Globo*, que não se limitava à troca de apresentadores. Novos cenários e uma edição mais dinâmica também foram adotados. (REZENDE, 2000, p. 133).

A partir desta nova política adotada pela Globo, passa a ser um marco na vida dos âncoras brasileiros, onde as redes de TV começam a “brigar” pelos jornalistas, desde então com passes supervalorizados, o que antes era comum com jogadores de futebol passa a ser visto no meio jornalístico, pois ter uma estrela no time era meio caminho andado. Assim começou a variação de âncoras de emissora para emissora, é o que ocorre até os dias atuais (SILVA, 2009).

De acordo com Camila Pérez Gonçalves da Silva (2009), no artigo “Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística”, os âncoras brasileiros podem ser divididos em três diferentes perfis: o formal, o opinativo e o informal.

Ainda de acordo com a autora, o âncora tornou-se no universo do telejornalismo a interação direta com o telespectador. A linguagem por eles adotada, a forma como olham para a câmera, passam a impressão aos que os assistem como pessoas íntimas, o que faz com que sua credibilidade das notícias que são apresentadas sejam tidas como verdadeiras.

É como se o âncora fizesse parte da notícia e a notícia fizesse parte do âncora. Este acontecimento surgiu com a televisão, que segundo Silva (2009), é filha do cinema e do espetáculo. A informação é impessoal, expressada por palavras que se transformam em ideias e posteriormente em opiniões. Já no rádio, um locutor no máximo pode acrescentar alguma entonação às notícias, é aí que o apresentador do telejornal vem a surgir como figura âncora de fato.

O que vemos hoje na televisão é muito mais do que simples locutores que leem notícias ou jornalistas robotizados que repetem o que está escrito no *teleprompter*. Temos hoje à frente dos telejornais, verdadeiros agentes sociais que não apenas transmitem notícias, mas também interpretam e quase sempre opinam sobre os grandes acontecimentos do mundo. A performance e o estilo de cada âncora variam de acordo com a linha editorial do programa que apresentam e, também, com os interesses da emissora a que estão ligados. (SILVA, 2009, p. 2)

Conforme o pensamento de Silva (2009), de nada adiantaria ao telejornal ter um ótimo jornalista e um ótimo TP, se esse jornalista simplesmente lesse o que está a sua frente de maneira robotizada. Felizmente o que vemos hoje à frente dos telejornais são verdadeiros agentes sociais, que transmitem notícias, mas também de suma importância interpretam e emitem suas opiniões sobre os grandes acontecimentos do mundo. De acordo com a linha editorial de cada telejornal, o âncora cria sua performance e estilo, buscando representar suas opiniões, as do programa, sem contudo jamais esquecer os interesses da emissora a que estão ligados.

Hoje em qualquer referência que for citado por exemplo, o Jornal Nacional, o primeiro pensamento que virá à mente do telespectador é a imagem de William Bonner, se falarmos em Jornal da Record virá em mente Celso Freitas, e assim por diante. Considerando Silva (2009), o que demonstra que através da maneira como representam seu profissionalismo como âncoras dos jornais que apresentam acabam tornando-se sinônimos da credibilidade das suas notícias. Pois o rosto do apresentador é o que os leva a se identificarem com o programa jornalístico.

O conceito de Âncora parece permanecer cercado por uma pluralidade de sentido. É entendido de diferentes maneiras. Apresenta uma complexidade. Pode dizer muitas coisas, similares e antagônicas, com o uso de somente uma palavra, tal a sua polissemia. A palavra Âncora possui a sua referencialidade, relacionada com os portos. É um instrumento, com peso e formato adequados, para fixar as embarcações dentro da água, concedendo-lhes estabilidade. Em termos simbólicos, adquire um conjunto de possibilidades de sentido. Caracteriza a base, a firmeza, a solidez. Pode, ainda, emblematizar a credibilidade, a segurança e a fidelidade. (RAMOS, 2016, p.128).

Segundo Ramos (2016), a complexidade da expressão âncora é tão ampla que pode-se manter a atenção de quem está lendo uma matéria sobre esse assunto por longo período. Devido a palavra âncora ser diretamente ligada a portos, observa-se aí diversos instrumentos, pesos, e formatos dentro dos mais diversos assuntos na atualidade. Da maneira mais simbólica possível caracteriza-se como a base, a firmeza, a solidez. No telejornalismo, o âncora se falando da maneira mais sucinta: emblematizar a credibilidade; a segurança; a fidelidade. A palavra âncora em outros setores, como num shopping center, a loja de singular importância é chamada de loja âncora. Na internet, um link ou hiperlink mais bem conceituado também é sinônimo de âncora.

Ou seja, a palavra âncora em si própria, tem uma noção de alteridade.

O termo Âncora adquiriu notoriedade no Telejornalismo norte-americano. Surgiu identificado com Walter Cronkite, nas convenções partidárias, de 1952, em Chicago. Ele foi assim denominado pelos seus colegas de CBS. O diretor, Sig Mikelson, usou-o, referindo-se ao instrumento náutico, que dá estabilidade às embarcações. O produtor Paul Levitan o pronunciou, considerando o contexto do esporte. É o atleta, escolhido, para representar uma equipe, na corrida de revezamento. (RAMOS, 2016, p. 130).

Em conformidade com Ramos (2016), Cronkite se notabilizou na CBS (Evening News) de abril de 1962, até março de 1981. Importante ressaltar que desempenhava duas funções básicas: editor-chefe; coordenando dois processos: o de seleção – que deveria ir ao ar e o de organização – como deveria ir ao ar. Conjuntamente ditava a edição do telejornal. Já como apresentador dava prioridade a duas práticas jornalísticas. A informativa e a interpretativa. Secundariamente e esporadicamente a opinativa, por intermédio de editorial, o que exige muito conhecimento e desenvoltura.

Bonner e Vasconcellos seguem o modelo norte-americano, desenvolvido, sobretudo, por Cronkite. Ele é editor-chefe; ela, editora-assistente. Contemplam os Gênero Informativo, como prioridade, e, secundariamente, o Interpretativo e o Opinativo. (RAMOS, 2016, p. 130).

Silva (2009) é outro autor que traz a tipologia dos âncoras conforme diretrizes dos telejornais que apresentam. O primeiro tipo, segundo o autor é o mais formal; onde o âncora segue o *script* se detendo à leitura, sem emoção e pouco espaço para opiniões. Comentários previamente definidos, apresentam geralmente na bancada, praticamente durante todo o programa. Óbvio que há variações de estilo, como afirma a autora: “Jornalistas que, quando a linha editorial do programa permite, mais e interagem entre si, tornando a apresentação mais leve, neutralizando um pouco a formalidade.” (SILVA, 2009, p. 20)

O segundo tipo, ainda segundo a autora, os telejornais lhe oferecem maior liberdade de opinião. Sendo que o roteiro passa a ser apenas a base da apresentação, dando-lhe a liberdade de dialogar com o telespectador, às vezes usando de suas nuances particulares. Sua autonomia é maior em relação ao que será exibido. Sendo que seus comentários por vezes causam polêmicas. O âncora continua a apresentar o telejornal na bancada, sempre sentado, mas a postura é um pouco mais espontânea.

De acordo com Silva (2009), o terceiro tipo é aquele que transmite uma certa leveza e um grau de informalidade marcantes; o roteiro é pré-estabelecido, mas tem maior abertura de opinar sobre os assuntos apresentados. A linguagem mais informal é o que o aproxima do telespectador, a interação com os correspondentes passa a ser vista como uma conversa

natural. Nesse terceiro tipo, geralmente não há bancadas, e sim poltronas confortáveis que se assemelham a uma sala de estar. Acessam livremente todo o ambiente, alternando hora em pé, hora sentados.

... percebemos que a postura do âncora mudou muito nos telejornais brasileiros ao longo dos anos. O espaço ocupado por este profissional é cada vez maior e tornou-se decisivo para garantir credibilidade ao programa e às notícias apresentadas. Os estilos são variados e estão diretamente relacionados à linha editorial do programa que apresentam. (...) a *Rede Globo* é ainda a que mantém um padrão de qualidade diferenciado que demonstra, na prática, uma preocupação com os detalhes, que incluem não só a questão dos profissionais que estão na frente das câmeras, como também dos que trabalham na parte técnica, como editores e designers gráficos. Isso resulta em um telejornal melhor elaborado do ponto de vista visual tanto no cenário, como no conteúdo das matérias. (SILVA, 2009, p. 33).

De acordo com Silva (2009), a vantagem que a Rede Globo tem em relação à maior abrangência nacional e ao manter os melhores jornalistas, isso faz com que as outras três emissoras mais vistas em canais abertos, sendo elas Rede Record, Band e SBT estejam sempre buscando aprimorar seus programas jornalísticos. Estando sempre de buscando conquistar o passe de importantes jornalistas de outras emissoras que no momento estão com credibilidade garantida. Este é o motivo de vermos constantes mudanças de âncoras nos principais programas jornalísticos destas emissoras, a partir disso a Globo tem mais uma vantagem: Bonner, seu âncora principal do JN desde 1996 até os dias atuais.

Boris Casoy (1993), anteriormente citado (como âncora precursor brasileiro), jornalista que tem realizado trabalho muito próximo do padrão original de âncora, afirma:

Buscaram-se nas emissoras americanas, que ainda hoje inspiram a televisão tupiniquim, os receituários estéticos. Na verdade, os americanos colocam a imagem, a estética a serviço do conteúdo. Aqui aconteceu ao contrário. Exacerbou-se na forma. E durante o governo militar, este tipo de jornalismo de televisão salvou as aparências: os repórteres engessados numa pauta rígida, sem qualquer tipo de opinião, cumprindo apenas o restrito papel que lhes era destinado. Paralelamente, a escolha a dedo dos profissionais que desempenhariam essas funções: moças e rapazes bem vestidos, bem penteados, sempre muito jovens. Com raras exceções, desempenhavam mais o papel de atores do que de repórteres. (CASOY, 1993, p. 124).

Importante entender que esta citação de Casoy (1993), passa-se na época do militarismo. Época em que a televisão brasileira era totalmente submissa ao governo militar; neste período tudo ficou estagnado, inclusive o jornalismo.

De acordo com Squirra (1993), a retomada da democracia trouxe mais liberdade à televisão, o que lhe deu a chance de procurar novos modelos de informativos. Começaram

então, as tentativas de um estilo de apresentação de telejornais com destaque “homem âncora”. Há divergências de quem na realidade exerceu o papel do verdadeiro primeiro âncora brasileiro, mas esse assunto no momento não será discutido.

O que parece claro hoje é que o formato de ancoragem de Boris Casoy tornou-se plenamente aceito como tal pela maioria dos jornalistas. O que ele faz no seu *TJ Brasil* é que tem sido motivo de algumas discórdias. Carlos Nascimento, analisando o estilo de Boris Casoy, afirmou que “comentar não é função de âncora, o que acontece por aí, é um equívoco”. (SQUIRRA, 1993, p. 126).

2.4 Âncora e repórter

De acordo com Silva (2009), no telejornalismo, o âncora se tornou a interação direta com o telespectador. O âncora possui uma linguagem diferente; olha para a câmera de um jeito íntimo, como se conhecesse o telespectador, e isso faz com que ele confie no âncora, assim, o apresentador ganha a credibilidade que precisa para fazer um bom telejornal.

O que é visto nas telas não são simples “locutores” que nos passam informações, não é algo tão simples como apenas ler o que está escrito no *teleprompter*. Hoje nos telejornais, os âncoras não só transmitem notícias, mas também conseguem interpretar e as vezes dar opiniões em seus diálogos sobre os maiores acontecimentos do mundo. (SILVA, 2009).

Ainda em conformidade com Silva (2009), o âncora cria sua personalidade e estilo, tem um tipo de identidade, que é de grande reconhecimento para com os telespectadores fiéis aos telejornais. O rosto do apresentador é o que faz os telespectadores reconhecerem o telejornal assistido; isso mostra o quão importante é ter-se em frente às câmeras um apresentador de qualidade para nos transmitir todas as notícias de relevância e que de alguma forma mudam o nosso dia a dia.

Já o papel do repórter, segundo Cunha (1990), tem como sua primeira obrigação do dia tornar sua imagem o mais natural possível, se for do sexo feminino fará um penteado e uma maquiagem simples, para que se adapte a qualquer ambiente a que for fazer sua reportagem, e se for do sexo masculino, fará a barba, talvez engraxará os seus sapatos. Pois ambos não sabem em que ambientes terão que comparecer para realizar sua reportagem que será repassada pelo seu chefe de direção.

Para o autor, a função do repórter é ampla, formada por uma série de requisitos específicos. A veracidade e a exatidão fazem parte de seu lema, tem obrigatoriamente que passar confiança no que diz. Ele é o único responsável pelo que relata na TV. A voz, o rumor,

a opinião, a fama, a reputação, o boato; especificidades normais do conjunto de notícias diárias que estão na televisão, e é através do trabalho do repórter que começam e acabam. Cabe ao repórter dar sua contribuição pessoal à notícia enriquecendo-a com por menores e dados complementares, para que o televidente sinta a notícia real e quente, às vezes sentindo-se como a própria vítima do enredo. (CUNHA, 1990).

Em harmonia com Cunha (1990), o repórter tem que buscar descobrir o que alguns querem esconder, mas para a notícia ter credibilidade, dados íntimos tem de ser revelados. Cabe ao repórter usar de seus artifícios próprios para conseguir o maior número de detalhes para tornar clara sua reportagem.

O repórter é aquele que ouve, vê, sente, analisa, avaliza e confere a informação. Sem deixar dúvidas, faz a notícia através de sua vocação, de sua consciência, inteligência, curiosidade, perspicácia, percepção, dedução e raciocínio, critério e sensibilidade, atenção e interesse, espírito crítico e desconfiança, coragem, caráter e honestidade. (CUNHA, 1990, p.23).

Para que tudo isso seja possível, segundo Cunha (1990), cada repórter tem que criar seu método investigativo, para chegar a verdade, adaptar-se a inesperadas situações, estar sempre na busca incessante de notícias, sempre sendo imparcial, mesmo diante dos poderosos de plantão. “Não é fácil. Uma câmera e um microfone lhe dão poderes, mas também o obrigam a ser modesto, mesmo com essas armas nas mãos.” (CUNHA, 1990, p.24).

Após a abordagem do Telejornalismo e seus elementos, assim como o papel dos âncoras, no próximo capítulo passa-se a abordar o objeto desta pesquisa, o Jornal Nacional e o que ele representa para o telejornalismo brasileiro.

3. JORNAL NACIONAL

A partir do artigo “A linguagem dos Âncoras no Jornal Nacional”, de Roberto José Ramos (2016), percebe-se que a história da TV Globo e a história do Jornal Nacional estão desde o início interligada. Em 1962 a TV Globo em contrato com o grupo norte americano Time-Life que se estendeu até 1969 rendeu à Globo 5 milhões de dólares. Entretanto a constituição vigente, na época, proibia a entrada de capital estrangeiro na mídia brasileira, já que era uma concessão estatal. Houve a criação de uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) no Congresso Nacional. Mas, com a chegada dos militares ao poder em 1964, se mantendo até 1965, o impasse foi resolvido. Desconsideraram o texto constitucional e o então presidente, Costa e Silva, assinou a legalização da situação da Globo.

Segundo Ramos (2016), a partir daí os militares mudavam o modelo neocolonial da Atualização Histórica, começaram então à custa de empréstimos contraídos junto ao capital estrangeiro, houve uma modernização tecnológica. Essa postura dos militares foi uma estratégia de conseguir o apoio de uma grande mídia, pois não tinham o apoio popular, e garantir assim a sua legitimação. A partir daí que o JN entra na história, como retribuição à legalização da Globo por parte dos militares. Passou a vender aos brasileiros a certeza de que estava tudo muito bem, que nada precisaria ser mudado.

O Jornal Nacional teve como grande inspiração segundo Ramos (2016), o Repórter Esso, em suas ambas versões: rádio e televisão. Considerado ícone de um estilo jornalístico, onde o gênero informativo, como digitalização de sua identidade. A objetividade é a prioridade e a categoria básica do positivismo.

Na tessitura, o Gênero Informativo possui alguns valores, luminosidade, transparentes. Prioriza a factualidade jornalística, inscrita na Objetividade, com calibre denotativo. É paladino de uma postura neutral, inibidora das vírgulas emocionais da subjetividade. (RAMOS, 2016, p. 124).

Esta citação mostra que o perfil adotado pelo JN é centralizado no positivismo mostrando a realidade verificável através da impessoalidade do objeto, o Jornal Nacional então adquire a postura antagônica a outros estilos jornalísticos. É o oposto do sensacionalismo. Busca pioneirismo, tradição, e estilo jornalístico para se oficializar na mídia. “São as marcas digitais de sua identidade, inscrito no curso de três décadas” (RAMOS, 2016, p. 124).

Segundo Ramos (2016), Bonner especificou cinco procedimentos, para atingir a Linguagem mais adequada.

1. Flexionar os verbos em seu tempo real. Passado é passado, presente é presente, futuro é futuro. É assim que as pessoas comuns falam. Somos pessoas comuns. 2. Utilizar termo de compreensão mais imediata, para a maioria das pessoas (...) 3. Botar adjetivos, quando necessários, depois de substantivos (...) 4. Desdobrar frases muito longas em outras mais curtas Porque uma frase longa demais é instintivamente reduzida por quem fala de forma natural, até mesmo para preservar a própria respiração (...) 5. Evitar a intercalação de orações – e procurar construí-las na ordem direta” (...) (RAMOS *apud* Bonner, 2016, p. 127).

De acordo com Ramos (2016), o surgimento do Jornal Nacional representou uma circunstância histórica, foi o primeiro telejornal em rede do país.

O *JN* nasceu e floresceu sob o signo da ditadura militar aos auspícios da logomarca do "Milagre Brasileiro". Conectou os quatro cantos do país pelas amarras tecnológicas dos satélites. Construiu, em sua imagem, um Brasil Novo, homogeneizando os traços dos brasis, não catalogados na amplitude das particularidades geográficas. (RAMOS, 2016, p. 125).

Para Ramos (2016), o *Jornal Nacional* dispunha da faca e o queijo na mão, pois ao mesmo tempo em que recebia elogios por parte do general e presidente, Emílio Garrastazu Médici, tinha uma grande intimidade com a ditadura militar em vigência, o que fazia com que o *JN* não a citasse.

Parceiros do projeto Brasil Novo, representado pela modernidade tecnológica, correlacionada pela concentração de renda e dependência do capital internacional. Durante 16 anos, o *JN* silenciou-se sobre a ditadura militar, só se ouviu falar em "Ditadura Militar", em 1985 quando Tancredo Neves se fez presidente no Colégio Eleitoral. Uma nova fase se iniciava; cai o Militarismo e voltamos à República.

Ramos (2016) destaca que no decorrer do tempo compreendido da década de 70 até 2002, o *Jornal Nacional* não citava oposição, negligenciando a participação de Lula na história política brasileira. Em 28 de outubro de 2002, o *JN* se viu obrigado a dividir a bancada daquela exibição com Lula lado a lado à seus âncoras, pois ele, então, vencera a eleição presidencial de José Serra. A oposição até o momento praticamente negligenciada pelo *JN* teve seu auge político permanecendo 75 minutos durante sua exibição.

Ramos (2016) lembra que é de conhecimento nacional, que hoje Bonner é um dos diretores mais respeitados no *Jornal Nacional*; podendo-se notar que suas ideias foram implantadas pelo telejornal. Ramos (2016), deixa claro que a linguagem usada é a linguagem que mais se assemelha à linguagem usada pelas pessoas comuns. Sendo muito comum se ouvir termos de compreensão imediata, termos esses considerados simplórios. Às vezes percebe-se com clareza que a frase foi resumida ao máximo para uma captação do telespectador da ideia principal da notícia.

Como todos os veículos jornalísticos, o *JN* busca aquilo que os profissionais da área chamam de "furo": uma informação de grande importância que nenhum outro jornal, site ou programa tenha tornado pública antes. O furo é o alimento da alma dos jornalistas, buscar o furo é o que todo repórter de verdade tenta fazer. E, como tudo na vida, o que dá valor ao furo é sua escassez. (BONNER; 2009, p. 13-14).

De acordo com Bonner (2009), o profissional que tem, pode-se dizer, a sorte de conseguir um furo, depende de diversos fatores. O dia pode ser "um dia normal", ou "um dia

atípico”, obviamente o dia atípico é mais propenso a um furo de reportagem. O que pode se dizer de um dia atípico; variações no câmbio, movimentações ou votações importantes na política, desastres naturais, aéreos ou outros, morte de pessoas conhecidas nacionalmente etc.

O JN está disponível a todos os brasileiros com acesso à energia elétrica e a uma televisão diante dos olhos. Esse cidadão poderá viver no campo, em local ermo, onde o sinal terrestre de TV não alcance sua antena. Ainda assim, uma parabólica será capaz de capturar o Jornal Nacional diretamente do satélite. Nisso, o JN se afasta abissalmente dos jornais impressos são pagos, enquanto o JN é gratuito. Além do fato incontornável de que jornais são produtos voltados exclusivamente para cidadãos alfabetizados. E, por enquanto, não vamos mais perder tempo com as comparações entre TV e jornal. Haverá outras, menos óbvias, adiante. (BONNER; 2009, p.14-15).

Torna-se claro que na imensidão do Brasil, temos diversas faixas econômicas, e infelizmente a classe baixa é a maioria. Sabendo disso é compreensível que a maioria da população brasileira busca informações e notícias assistindo ao Jornal Nacional. Por quê? A televisão aberta pode ser assistida gratuitamente, bastando ter um aparelho de televisão, rede elétrica ou em áreas mais afastadas existem aparelhos que se utilizam de bateria, e onde a transmissão não chega, uma simples antena parabólica é capaz de captar o Jornal Nacional diretamente do satélite (BONNER, 2009).

Ainda de acordo com o autor, como já citado anteriormente, a Globo possui a maior rede de distribuição nos canais abertos em âmbito nacional. Dois fatores a serem considerados os mais relevantes na concorrência entre o Jornal Nacional e os jornais impressos são que o Jornal Nacional é gratuito e para todos os públicos, alfabetizados ou não, e o jornal impresso além de ser pago, é somente para pessoas alfabetizadas. Em resumo a concorrência torna-se praticamente insignificante. A ponto de certos críticos classificarem como uma concorrência desleal.

Segundo Bonner (2009), o Jornal Nacional tem de se ater em mostrar o que de mais importante aconteceu no dia no Brasil, com clareza, correção, isenção e pluralidade. Por que isso é relevante? Pelo simples fato de o telejornalismo ter um grande concorrente na oferta de informações e notícias: a internet. A internet possui amplo espaço de tempo considerando-se o pequeno espaço de tempo em que o Jornal Nacional fica no ar. A internet tem 24 horas a sua disposição, podendo expor notícias mais corriqueiras, de menor relevância e com espaço ilimitado. Podendo fazer longos comentários, citando detalhes as vezes desnecessários, que já, no Jornal Nacional as frases precisam ser mais concisas, pois são feitas oralmente, o que consome mais tempo do que uma frase lida, tem a responsabilidade de ser a informação mais

clara possível, pois na TV não se tem a oportunidade de voltar atrás, o que, na versão tanto online quanto impressa, você pode ler e reler a informação. Por isso a importância de se ter um bom jornalista na apresentação de um telejornal.

3.1 Atingimos o objetivo ontem?

Para Bonner (2009), torna-se claro que o Jornal Nacional consegue mostrar sua relevância quando no dia seguinte à sua exibição os jornais impressos mostram as notícias que já foram divulgadas no Jornal Nacional. É claro que a notícia não será informada de maneira idêntica, pois o telejornal tem uma maneira de expor os acontecimentos, já o jornal impresso tem outra. Sendo que cada jornalista tem sua maneira própria de divulgar um acontecimento, o que se deve levar em conta não é a maneira como foi dada a notícia, mas sim, a notícia em si. Pois como já vimos, o JN é mais conciso sendo o jornal impresso possuidor de mais espaço e oportunidade de expor mais detalhes.

Uma edição do Jornal Nacional, em média, tem 33 minutos líquidos (um tempo que não inclui os intervalos, portanto). Praticamente tudo o que se informa na TV precisa ser dito em alto e bom som. A exceção é para alguns números que podem surgir na tela de TV sem que necessariamente sejam enunciados (o apresentador anuncia que o dólar subiu – e você vê, na telinha que se abre ao lado dele, o índice de variação percentual e a cotação da moeda). Cada sílaba dita, pronunciada, consome tempo. E nesse tempo têm de caber mais ou menos 25 assuntos, de variadas maneiras: em reportagens apresentadas por seus autores (os repórteres); em entrevistas com pessoas comuns, com ritmos próprios de fala; em notas lidas pelos apresentadores e ilustradas por imagens; em notas curtas sem apoio de imagens; e em entradas ao vivo de repórteres. (BONNER; 2009, p. 22)

Esta citação deixa claro como o JN é tido como referência para a maioria dos brasileiros como fonte de informações de notícias, mesmo enfrentando diversas limitações relativas ao tempo, para expor em pequeno espaço de tempo uma notícia que as vezes mereceria maior debate, mas geralmente isso não é possível.

Bonner (2009) ainda ressalta que o telespectador não se atém a notícias repetitivas sem mudanças significativas, o JN busca sempre divulgar notícias que ocorreram após sua última transmissão até o momento em que está indo para o ar a apresentação do dia, buscando sempre notícias novas. Atendo-se a uma notícia que seja a mais importante que obviamente ganhará maior destaque. Não deixando é claro de noticiar outros acontecimentos, como atualização de dados de uma notícia já divulgada, mas que teve algum andamento ou desfecho mais recente.

Já contando com o pensamento de Pereira (2015), o Jornal Nacional, para conseguir manter sua superioridade diante dos demais telejornais, teve de se adaptar aos novos tempos em 2015. A partir de abril deste ano começaram a haver diversas mudanças perceptíveis aos olhos do telespectador, o Jornal Nacional, que antes tinha como meta ser o mais formal possível, rendeu-se a uma linguagem mais acessível e coloquial.

Ainda no ano de 2015, mais precisamente setembro, na Central Globo de Jornalismo, o editor chefe, adjunto do telejornal, Fernando Castro, afirmou que a transformação conferiu mais informalidade ao telejornal. Houve então uma grande mudança no formato, no cenário, etc.

O Jornal Nacional obviamente teve uma mudança grande nesse ano, que foi a mudança do formato, do cenário. Junto com essa mudança, o que a gente fez e está fazendo e é um desafio diário. Houve, sim, uma mudança da, vamos dizer, linguagem, da forma como a gente apresenta o nosso conteúdo. Então, você pode talvez dizer que houve uma mudança para que o jornal fique mais informal do que era antes. Isso é inegável, a gente vê nas conversas que o Bonner tem agora com a Maria Júlia Coutinho, por exemplo. Você tem uma informalidade maior. (CASTRO, 2015, p.38).

Entretanto, para Castro (2015), a informalidade deve ter medida certa. A informalidade, segundo o jornalista, quando em demasia corre o risco de causar ofensa para alguém. Informalidade demais pode ser prejudicial à credibilidade da notícia. “Dentro desse limite é exatamente isso que o JN está fazendo agora, tenta ser o mais natural possível, introduzindo assuntos, dando as notícias, fornecendo as informações mais naturalmente possível” (CASTRO, 2015, p.38).

Ainda segundo o autor, a palavra “natural” seria melhor empregada do que a palavra “informal”, sendo esse o desafio diário do JN. Esta mudança em nada altera a essência do noticiário. Para Castro (2015) o Jornal Nacional continua sendo um produto jornalístico. Ele tem uma missão que é a missão de informar, de dizer aquilo de mais importante que aconteceu no Brasil e no mundo naquele determinado dia.

Visto o objeto desta pesquisa, bem como a trajetória e mudanças mais recentes, o próximo capítulo se debruça no referencial teórico acerca do diálogo, desde os conceitos que o originaram até os seus formatos mais recentes.

4. FORMAS FUNDADAS NO DIÁLOGO

Apesar da televisão ser considerada o império da imagem e da crescente utilização de recursos gráficos computadorizados, a televisão continua oral e sua programação segue dependendo da maior ou menor eloquência do manejo da palavra oralizada.

Fala-se muito em “civilização das imagens” a propósito da hegemonia da televisão a partir da segunda metade do século XX, mas a televisão paradoxalmente, é um meio bem pouco “visual” e o uso que ela faz das imagens é, salvo as exceções de honra, pouco sofisticado. Herdeira direta do rádio ela se funda primordialmente do discurso oral e faz da palavra a sua matéria prima principal. (MACHADO, 2005, p. 71).

Segundo Machado (2005), o diálogo surgiu como gênero na Grécia antiga, a partir principalmente de todos os grandes dialogistas do primeiro período. A principal característica utilizada por Sócrates, era colocar as pessoas umas diante das outras e assim instigar o debate. Não perdendo nunca a atenção às oposições e contradições, mas jamais induzir uma conclusão final. Temos conhecimento disso através do filtro de Platão, o método socrático hoje apenas nos parece como um recurso pedagógico do “mestre”. Isto acabou se reproduzindo como diálogo filosófico nos períodos posteriores a Sócrates, reduzido à uma mera técnica de exposição de conceitos. Entretanto, para Sócrates, esse tipo de diálogo era o próprio alicerce de toda uma cosmovisão filosófica que acreditava na natureza dialógica (MACHADO, 2005).

O gênero se baseia na concepção socrática da natureza dialógica da verdade e do pensamento humano sobre ela. O método dialógico de busca da verdade se opõe ao monologismo oficial que se pretende dono de uma verdade acabada, opondo-se igualmente à ingênua pretensão daqueles que pensam saber alguma coisa. A verdade não nasce, nem se encontra na cabeça de um único homem; ela nasce entre os homens, que juntos a procuram no processo de sua comunicação dialógica. (MACHADO, 2005, p. 73).

De acordo com Machado (2005), os procedimentos mais importantes utilizados no diálogo socrático eram a *síncrise* e a *anácrise*. Síncrise se resume na confrontação de dois ou mais pontos de vista sobre um mesmo assunto. Anácrise, por sua vez se dava aos métodos de provocar o interlocutor, forçando-o a externar claramente a sua opinião. Sócrates, é considerado um astuto manejador da anácrise. Destacava-se sua habilidade incomum de fazer com que as pessoas se expressassem, mesmo com as ideias não muito claras, nesse caso a clareza vinha do diálogo e das ponderações do(s) outro(s).

Ainda em conformidade com Machado (2005), nos diálogos socráticos os protagonistas eram homens de ideias (ideólogos), quando muitas das vezes se tratava de pessoas simples, que entravam no diálogo como debatedores involuntários. “No da ágora, eles encenavam aquele que talvez seja o drama maior da humanidade: ‘a procura e a experimentação da verdade’” (MACHADO, 2005, p. 73-74).

Para Machado (2005), o retorno à oralidade – ou, mais exatamente uma segunda fase da oralidade, mediada por tecnologias de gravação e transmissão –, proporcionou ao rádio e a televisão um novo espaço para o ressurgimento do diálogo, entretanto muito próximo ao modelo socrático. Porém esse tipo de diálogo só rendeu os resultados em alguns programas mais ousados, geralmente por televisões que fogem do esquema das grandes redes nacionais ou internacionais.

De acordo com Machado (2005), os mais belos exemplos são, certamente, as séries televisuais realizadas por Jean-Luc Godard e Anne-Marie Miéville, entre 1976 e 1978, para o Institut National de l’ Audiovisuel (França). Numa entrevista concedida a Colin MacCabe, Godard refere-se nominalmente ao método socrático como modelo inspirador dessas séries.

Partindo para o pensamento de Cárديات, pressupõe-se que o homem é um ser histórico em constante interação com os demais membros do seu meio; possibilitando as interações e a linguagem e, portanto o diálogo. Percebe-se então como é importante a linguagem no desenvolvimento dos indivíduos em si e dos grupos sociais. Não há interação, sem o diálogo (CÁRDIAS, 2006).

Para Cárديات (2006), a filosofia socrática é em si a raiz filosófica do diálogo, sendo que Sócrates é considerado o mestre do diálogo. O que distingue o ser humano das outras espécies, enquanto um ser racional é sua capacidade de pensar e comunicar-se através da linguagem. Essa capacidade de interagir com os demais seres através de uma atitude linguística através da fala, são significados produzidos pela cultura, que nos foi repassada através de interações linguísticas, sejam elas escritas ou faladas.

Desta forma, a linguagem só existe no diálogo, no intercâmbio vivo daqueles que falam uns como os outros, na abertura e no encontro com o outro. O diálogo nos permite a experiência de aproximação com o outro. Quando se entra em situação de diálogo cria-se uma comunhão, criam-se novos encontros humanos onde impera a espontaneidade das perguntas e respostas e o ser humano deixa-se ser e dizer para o outro, enfim revela-se. (CÁRDIAS, 2006, p. 2).

Sócrates, o mestre do diálogo, pondera que filosofar não pode se constituir em atos isolados, mas exige sempre a presença de pessoas interagindo entre si, entende-se então que a

palavra precisa da recepção e da aprovação do outro, o que conseqüentemente o faz pensar, se um não acompanhar o pensamento do outro, ficaria sem força convincente.

Sócrates sinalizou para a importância do diálogo, considerando a Maiêutica como a arte de gerar ideias, sendo isto possível somente pelo exercício do diálogo. Portanto os atos de falar e escutar é que fazem surgir o diálogo e neste vai e vem de ideias surgem os conceitos e a verdade, ou seja, é a partir de um trabalho de trocas dialógicas entre os sujeitos que a verdade aparece. Logo, não há diálogo verdadeiro entre seres que discursam, mas somente entre sujeitos que se dispõem a falar e escutar o outro e a falar e escutar a si próprio, num exercício auto-reflexivo. (CÁRDIAS, 2006, p.2).

Para Cárrias (2006), a socialização de caráter reflexivo e humano, pode compreender-se no mundo de sentido que pertence, mundo este social, interativo e linguístico, que no final das contas acaba na circularidade dialógica da linguagem; ou seja, o diálogo. Tradições repassadas de geração para geração só são possíveis através de diálogos ao passar do tempo. Isto reflete à importância histórica do diálogo. É pela linguagem que o passado é trazido para o presente, e o futuro tem a chance de ser projetado da atualidade.

O homem está em constante busca por respostas, a compreensão é uma característica fundamental da existência humana, o homem possui dúvidas e inquietações, a esfera da interpretação adquire a sua importância para o desenvolvimento social porque é aqui que se consegue a compreensão comunicativa sobre os fins e os propósitos da existência social. (Cárrias, 2006)

Algo que está estigmatizando as atuais sociedades, tem como forte tendência a valorização do individual em detrimento do coletivo. Para Cárrias (2006), infelizmente o mundo moderno tem afastado as pessoas de um convívio saudável, todos em sua individualidade estão sempre em busca de novos conhecimentos e tentando processar novas informações; cada vez mais as pessoas se fecham em seus mundos, tornando-se retraídas, fechadas para o mundo real, incapazes de comungar com a realidade, enfim, tornam-se indisponíveis para o diálogo.

Pode-se considerar que, por um lado, o mundo vem alcançando o progresso científico e tecnológico de forma surpreendente, vem produzindo inovações que trazem conforto e a possibilidade de ampliação da vida humana, como nunca imaginado num passado recente, mas, por outro lado, todos esses avanços invadiram o mundo cotidiano das pessoas de tal forma, que hoje se encontram tomadas pela insensibilidade, pelo sentimento de onipotência e trancadas cada uma em seu mundo particular, esquecendo-se que vivem em comunidades que tem por premissa a interação como forma de vida. O ser humano tornou-se, neste cenário, incapaz de dialogar com seu semelhante e de importar-se com ele. (CÁRDIAS, 2006, p.4).

Isto evidencia como característica do mundo contemporâneo associado ao desenvolvimento técnico científico, a incapacidade para o diálogo, que infelizmente, está alienando as pessoas e lhes furtando o prazer das interações humanas, isto é, o diálogo.

4.1 A linguagem não verbal

A comunicação não verbal envolve a expressividade do corpo, transmitida por gestos, expressões faciais e mudança de postura corporal. Segundo Aita (2011), movimentos de partes do rosto, como as sobrancelhas, seu jeito próprio de mover o corpo, as vezes voluntários, ou as vezes involuntários, tem seus propósitos comunicacionais, o que torna muito comum as pessoas gesticularem.

Ainda em conformidade com Aita (2011), no telejornalismo 70% da expressividade de um comunicador recai sobre o não verbal, isto é, que o ouvinte é apreendido não tanto pelo que se diz, mas como é fisicamente dito. O autor chama atenção que a postura deve estar sempre confortável, ou seja, o tronco bem encaixado nos quadris e a coluna ereta, propiciando flexibilidade. Uma vez que a postura interfere na imposição da voz, esta posição é primordial para uma boa comunicação. A cabeça deve ter movimentação sutil e discreta, entretanto, juntamente com o desenvolvimento do programa a linguagem corporal dos âncoras vai se adaptando ao que estão noticiando, o que os leva a ficarem muito atentos à sua postura corporal, pois um simples levantar de sobrancelha pode ter um significado interpretativo para o telespectador. (Aita, 2011)

Ao observar uma pessoa, o que menos nos chama a atenção, é a maneira em que trocam os passos ao se locomover, se balançam os braços ou não e a maneira como balançam os quadris; a primeira coisa e a mais importante que nos chama a atenção é a maneira como esta pessoa nos observa visualmente.

Imagine-se um dia sentado num lugar público. Ao levantar os olhos, você depara com um desconhecido que está olhando-o fixamente, e que não se altera nem mesmo quando você crava os olhos nele também. É quase certo que você vai olhar rapidamente para o outro lado e, depois de alguns segundos, você torna a olhá-lo para ver se ele continua observando-o. Se isso acontecer, você repetirá essa operação sub-reptícia várias vezes, e se, mesmo assim, a outra pessoa ainda persistir naquela atitude, você passará imediatamente do aborrecimento para a raiva ou para a desconfiança. (DAVIS, 1979, p. 68)

De acordo com Davis (1979), o poder do olhar algumas vezes é superior ao poder da fala. O âncora deve sempre ter isso em mente, intercalando o seu olhar, ora para o telespectador, ora para o seu companheiro de bancada, sem deixar de acompanhar o *teleprompter*, para que seu olhar não fique fixo e intimidador ao telespectador.

Ainda segundo Davis (1979), por vezes uma capacidade do ser humano é trocar informações entre si simplesmente pelo contato visual, isso pode ocorrer quando ambos ouvem alguma coisa simultaneamente, ao se olharem, sem trocar nenhuma palavra, conseguem entender se concordam ou discordam da informação.

Jean-Paul Sartre sugeriu, certa vez, que o contato visual é que nos faz real e diretamente conscientes da presença do outro ser humano dotado de consciência e intenções próprias. Quando os olhos se encontram, nota-se um tipo especial de entendimento de ser humano a ser humano. (DAVIS, 1979, p. 71)

Em harmonia com Davis (1979), o âncora de um telejornal deve ter sempre em mente o poder de seu contato visual com o telespectador, pois junto com o que ele está noticiando verbalmente seus olhos tem a função de transmitir a confiança e a credibilidade daquilo que está noticiando. Se a sua palavra e o seu olhar estiverem divergindo a notícia, por mais impactante que seja, irá se tornar alvo de questionamento de seu telespectador.

O comportamento ocular é talvez a forma mais sutil da linguagem física. A cultura nos programas desde pequeno, ensinando-nos a fazer com os olhos e o que esperar do próximo. Como resultado disso, quando alguém muda a direção do olhar e encontra ou não resposta de outrem, o efeito produzido é inteiramente desproporcional ao esforço muscular realizado. Mesmo quando o contato é efêmero, como geralmente é, a soma do tempo dedicado ao olhar a outra pessoa sempre transmite alguma coisa. (DAVIS, 1979, p. 73)

Ao mesmo tempo em que a pessoa está vendo ou falando sobre algum assunto, o movimento dos olhos involuntariamente contribui para a veracidade do fato. Percebe-se este movimento mais rapidamente em uma conversa quando um fato inesperado acontece, o olhar acontece muitas vezes antes mesmo da pessoa poder expressar seus sentimentos. (Davis, 1979) Ainda de acordo com a autora, numa conversação normal, o movimento dos olhos mantém o ouvinte ao observar o locutor juntamente a expressão dos olhos, o tom da voz, e o relato sobre o que estão conversando, é o olhar do locutor que proporciona um sistema de sinalização, que indica ao interlocutor quando é a sua vez de falar.

Retornando com o pensamento de Aita (2011), torna-se impossível a linguagem falada sem a utilização de gestos, movimentação de partes do rosto, e até mesmo movimentos com o

próprio corpo. Estes são subsídios usados com propósitos comunicacionais, as vezes voluntários, as vezes involuntários pelos âncoras dos telejornais. O corpo inconscientemente reage ao mesmo tempo em que produzimos a voz. A reação física existe em praticamente tudo o que nos afeta, principalmente quando estamos a pensar no que vamos falar, devemos pensar com o corpo, pois ele reforça nossa linguagem verbal.

Para Cotes (2008), corpo/voz/palavra devem ser uníssonos para que transmitam o mesmo significado ao ouvinte; isto é, como o corpo se movimenta, os gestos de suas mãos devem representar o mesmo conteúdo da palavra falada, pelo âncora sem contradizê-la ou anulá-la. No telejornalismo, para que ocorra uma ênfase importante da informação, quem está dando a notícia deve usar gestos manuais sóbrios e variados, quase que imperceptíveis. Evitando o uso de gestos repetitivos, excessos de gestos, pois isso desloca a atenção do telespectador da mensagem transmitida, ou seja, a atenção do telespectador acaba se voltando mais para as mãos do profissional, do que para a sua voz.

Este tipo de ação, segundo Cotes (2008), transmite um sentimento de ansiedade que acaba prejudicando a expressividade do profissional, reduzindo consideravelmente o entendimento da mensagem. Entretanto, a ausência de gestos também é outro problema, pois transmite uma imagem de rigidez corporal e apatia. Portanto, o âncora tem que buscar o ponto exato que não beire o excesso, nem a ausência de gestos.

4.2 Interação

De acordo com Primo (2011), as interações mútuas consistem na caracterização da interconexão dos subsistemas envolvidos. Contextos sociais e temporais tornam às relações construídas uma contínua transformação. Compreende-se que a interação é mais que a soma de seus elementos constituintes.

Relacionamentos inevitavelmente é a forma de tratamento que torna as pessoas próximas, um elo se forma entre elas, que as envolve socialmente em uma relação.

“Quando nós falamos de relacionamentos, nós falamos de linguagem de conectividade – de agir conjuntamente com outros, de se interrelacionar, de agir no conhecimento do outro, de mútua influência.” (PRIMO, 2011, p. 102)

Para Primo (2011), no processo de interação mútua é necessário deixar de lado a observação exclusiva no comunicador individual. Parte-se para a perspectiva sistêmico-relacional, o sujeito não é mais a unidade de análise. Este tipo de interação é construída

relacionalmente, sendo que observar uma ação ou expressão individual não faz sentido como mensagem transmitida. “Duas pessoas agindo entre si cria o fenômeno conhecido como *interação* – a conexão entre ações e, logo, entre pessoas que executam aquelas ações.” (PRIMO, 2011, p. 102)

Relacionamentos, tem a possibilidade de ganhar novos sentidos *durante* a interação. Segundo o autor, não podemos saber por antecipação o resultado objetivo das trocas comunicativas, o relacionamento só é definido após o decorrer da interação. (Primo, 2011)

Enfim, os processos de interação mútua caracterizam-se por sua construção dinâmica, contínua e contextualizada. Tendo em vista que os sistemas desse tipo de interação se desenvolvem no tempo e em um certo contexto a partir da interconexão não somativa dos interagentes, não se pode estudá-los de forma atomística, e/ou psicologizante (focando-se nas intenções e causas individuais). As ações interdependentes desenvolvidas entre os interagentes, coordenadas a partir da historicidade do relacionamento, não são previsíveis, pois são criadas apenas durante o curso da interação. Sendo assim, como este tipo de interação não é determinado pelas características isoladas de alguma parte nem pelas suas condições iniciais, o estágio temporário atual da interação mútua é a própria e melhor explicação do sistema em questão. (PRIMO, 2011, p. 116)

Em consoante com Primo (2011), as interações reativas dependem da previsibilidade e da automação nas trocas. Já as interações mútuas se desenvolvem através de uma negociação relacional. Na interação reativa, se um ato, mesmo que possa parecer insignificativo fugir do que se esperava dele e por ventura for ignorado ou recusado no processo poderá até mesmo acabar com a situação interativa, tornando-se as vezes algo incontornável.

Junto com o desenvolvimento dos meios de comunicação passamos a ver a interação que passa a dissociar-se, partindo do ambiente físico e conseguindo uma ação a distância. “Thompson (1988) sugere três formas ou tipos de situações interativas criadas pelos meios de comunicação, conforme mostra a tabela 1.” (Thompson *apud* PRIMO, 2011, p.19)

TABELA 1 - Tipos de interação

Características interativas	Interação face a face	Interação mediana
Espaço-Humano	Contexto de copresença: sistema referencial espaço temporal comum	Separação dos contextos; disponibilidade estendida no tempo
Possibilidade de deixas simbólicas	Multiplicidade de deixas simbólicas	Limitações nas possibilidades de deixas simbólicas
Orientação da atividade	Orientada para outro específicos	Orientada para outro específicos
Dialógica/monológica	Dialógica	Dialógica

(Thompson *apud* Primo, 2011, p.19)

De acordo com Primo (2011), a tabela mostra a presença ou não do caráter dialógico. A ida e a volta no fluxo de informação e comunicação; partindo-se do princípio que os receptores podem responder aos produtores, tornando-se receptores de mensagens que lhes são endereçadas.

O diálogo na interação face a face apresenta uma “multiplicidade de deixas simbólicas”, ou seja, as palavras vêm acompanhadas de informações não verbais como piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas, variações na entonação etc. (Que podem reduzir ou até mesmo ampliar ambiguidades). (PRIMO, 2011, p. 20)

Para Primo (2011), livro, jornal, rádio, televisão, etc, são exemplos da interação quase mediada, pois no espaço e no tempo é monológica onde predomina a comunicação de sentido único. Pois o leitor de um livro é um receptor que geralmente não recebe resposta direta ou imediata.

Segundo Primo (2011), a estrutura entre produtores – receptores de televisão, em que ocorre a quase interação, a monitoração reflexiva das respostas alheias é algo difícil de atingir. Vindo num caminho contrário um encontro face a face, geralmente os interlocutores estão aptos em dar respostas que acabam por modificar as subseqüentes ações do receptor e produtor, assim como expressam a luz dessas respostas.

Mesmo na interação mediada por telefone, onde as deixas simbólicas são mais restritas que na interação face a face, indicações verbais, como “sim” e “um-hum”, demonstram que a pessoa com quem se fala está acompanhando a argumentação. Agora, na quase interação televisiva os “produtores podem ser vistos e ouvidos mas eles não podem ouvir nem ver os receptores”. (PRIMO, 2011, p.21)

Para Primo (2011), que segue o raciocínio de Machado (1997), a utilização do termo “interatividade” tem proposto utilizações mais desencontradas e incoerentes. Na busca de um uso mais abrangente ao conceito “interatividade”, tende a abraçar o maior número possível de ocorrências desde o tipo de salas de cinema em que as cadeiras sacodem ou então programas de televisão em que o telespectador pode expressar sua opinião pelo telefone, com tudo isso manifesta-se o risco de nada mais representar.

...ao revisar inúmeras tipologias de interatividade, chama a atenção para o fato de que existe uma pluralidade de formas de interação: humano-humano (como a comunicação face a face), humano-meio-humano (comunicação de massa, telecomunicações, comunicação mediada por computador) e humano-meio (por exemplo, interação homem-computador). Como se viu, grande parte dos estudos citados até aqui miram apenas a última forma. (PRIMO, 2011, p. 39)

O diálogo, segundo Primo (2011), é sugerido como uma principal característica da “interatividade”, não é de todo errado mas na maioria das vezes é usado de forma metafórica, entretanto, não se deve generalizar indiscriminadamente o conceito “interativo-diálogo”.

Para análise do *corpus* deste trabalho, irá nos interessar a interação dialógica, conforme categorização de Thompson *apud* Primo (2011), tendo como base a interatividade humano-humano, face a face.

5. METODOLOGIA E ANÁLISE

Antes de partir para a Análise do *corpus* desta pesquisa, faz-se a seguir uma apresentação da metodologia que será empregada, que é a análise de conteúdo, qualitativa e quantitativa, a partir de Laurence Bardin (2012). De acordo com a autora, se for analisado superficialmente, a linguística e análise de conteúdo tem o mesmo objetivo: a linguagem. Aprofundando vemos que o que marca a diferença é que *língua* e *fala* é a origem da linguística. A linguística que tem como objeto, a língua, no aspecto coletivo, dando destaque à linguagem, já a análise de conteúdo é a fala, isto é, o aspecto individual e atua.

A linguística trabalha numa língua teórica, encarada como um “conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições regulamentadas em elementos definidos...¹¹” O seu papel resume-se, independentemente do sentido deixado à semântica, à descrição das regras de funcionamento da língua, para além das variações individuais ou sociais tratadas pela psicolinguística e pela sociolinguística. (BARDIN, 2012, p.49).

Segundo Bardin (2012), o foco principal da linguística é estudar a língua e conseguir descrever seu funcionamento. Já análise de conteúdo tenta conhecer o que está por trás das palavras. “A linguística é um estudo da *língua*, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *por meio* das mensagens” (BARDIN, 2012, p. 50).

As técnicas documentais referindo-se ao seu desenvolvimento, tem-se relativamente discretas no campo científico, enquanto a documentação aparece como uma atividade circunscrita e a análise documental pouco conhecida, sendo este um assunto para especialistas.

No entanto, alguns procedimentos de tratamento da informação documental apresentam tais analogias com uma parte das técnicas da análise de conteúdo que parece conveniente aproximá-los para melhor diferenciar. A finalidade é sempre a mesma, a saber, esclarecer a especificidade e o campo de ação da análise de conteúdo. (BARDIN, 2012, p. 51).

Em conformidade com Bardin (2012), limitando as possibilidades técnicas e suprimindo a função de interferência, relacionando somente à análise categorial ou temática, conseguimos identificar como análise documental.

Podemos defini-la como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estudo ulterior, a sua consulta e referência”. (BARDIN, 2012, p. 51).

O estudo proposto possui abordagem qualitativa e quantitativa; o procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental, partindo de conhecimentos teóricos já produzidos e explorando materiais de cunho jornalístico que não receberam tratamento analítico. Quanto aos procedimentos de análise de corpus, foi realizada a coleta de três edições do Jornal Nacional, da Rede Globo, nos anos de 2010, 2015 e 2017. Os meses de análise foram escolhidos de forma aleatória, conforme disponibilidade da íntegra das edições na Internet.

Escolhido o *corpus* para análise, foi realizada a observação da linguagem usada no telejornal, tendo como foco o espaço do diálogo, que é a capacidade de interagir com os demais seres através de uma atitude linguística. Nesse sentido, foi analisado o diálogo/interação verbal e não verbal entre os âncoras e também o diálogo que se dá entre os jornalistas responsáveis pelos quadros presentes no telejornal, como a previsão do tempo.

Para a análise ter resultado, deve-se saber sobre diálogo falado, linguagem/interação verbal e não verbal. Neste trabalho esses assuntos são abordados de acordo com os conceitos de Machado (2005), Cárdias (2006), Aita (2011), Davis (1979), Cotes (2008) e Primo (2011).

Nesta pesquisa as categorias elencadas para análise das amostras são: Perfil e Tipo de Âncora conforme os conceitos de Silva (2009); Diálogo Falado de acordo com Machado (2005) e Cárdias (2006); e Linguagem/Interação Verbal e Não Verbal seguindo os conceitos de Aita (2011), Davis (1979), Cotes (2008) e Primo (2011).

Na primeira categoria, onde encontra-se o perfil do âncora, é relatado sobre o âncora ser formal, opinativo, ou informal. Em conseguinte é encontrada a segunda categoria, que se trata da tipologia dos âncoras conforme diretrizes dos telejornais que apresentam (Silva 2009). A tipologia dos âncoras se baseia em três tipos, o primeiro é o mais formal, onde o âncora segue fielmente o *teleprompter* não obtendo liberdade expressão oral. Já o segundo tipo é o âncora com mais liberdade de opinião, as vezes até usufruindo da informalidade ao falar, mas de maneira moderada seguindo o padrão do programa. E o terceiro tipo é o âncora com maior liberdade de expressão verbal, com grau de informalidade marcante, onde obtém leveza ao falar, e assim, se aproxima mais ainda do telespectador.

A terceira categoria relata o diálogo falado, com os conceitos de Machado (2005) e Cárdias (2006). A quarta e última categoria segue os conceitos de Aita (2011), Davis (1979), Cotes (2008) e Primo (2011) para análise da Linguagem Não Verbal e Interação.

Tendo como premissa a metodologia acima e diante do tema proposto desse trabalho, apresenta-se a seguir a descrição e análise das três edições escolhidas do Jornal Nacional, dos anos 2010, 2015 e 2017.

5.1 Descrição da amostra 01: Jornal Nacional exibido em 08/01/2010 (Anexo 1)

Figura 1



Estúdio - Disposição dos âncoras na bancada em 08/01/2010 – Fonte: Reprodução YouTube.

No primeiro bloco da primeira edição analisada do Jornal Nacional, Chico Pinheiro¹ à esquerda e Renata Vasconcellos² à direita, estão dispostos à uma bancada, vestindo roupas de caráter formal, padrão que é seguido nos telejornais.

A abertura ocorre formalmente com a escalada. O JN inicia, Chico e Renata dizem boa noite, interagem com olhares e leem a cabeça de uma reportagem sobre irregularidade nas estradas. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio, Chico muda suas expressões faciais para uma expressão de decepção, e complementa a reportagem com uma nota pé. Renata fica com a palavra, lendo a cabeça de uma reportagem sobre acidente de trânsito, após sua fala, olha para Chico e ele então complementa o texto da cabeça dando espaço para a reportagem. – Entra reportagem.

Renata volta narrando brevemente uma nota pé. Chico fica com a palavra e lê a cabeça de uma reportagem sobre um assassinato no Rio de Janeiro. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio com Renata lendo uma nota coberta sobre um ataque de pessoas do Suriname contra brasileiros. Chico volta com a palavra narrando a cabeça de uma reportagem sobre a seleção de futebol do Togo, Renata apenas o observa, e complementa a cabeça. – Entra reportagem.

Chico volta lendo uma nota coberta sobre um nigeriano suspeito de tentar detonar uma bomba. Renata também lê uma nota coberta sobre atrasos de voo.

¹ Francisco de Assis Pinheiro, mais conhecido popularmente como Chico Pinheiro (Santa Maria, 17 de junho de 1953) é um jornalista e apresentador de televisão brasileiro.

² Renata Fernandes Vasconcellos (Rio de Janeiro, 10 de junho de 1972) é uma jornalista e ex-modelo brasileira. Trabalha na Rede Globo há quase 20 anos e apresentou alguns dos principais jornalísticos da emissora, como Jornal Hoje, Bom Dia Brasil, Fantástico e uma das pioneiras que colocou no ar a GloboNews, o primeiro canal de notícias do Brasil. Atualmente é apresentadora do Jornal Nacional.

Os âncoras leem uma nota pelada sobre a morte de Michael Jackson, ocorre apenas a troca de olhares sutilmente entre os dois. Em seguida é chamada a correspondente internacional Giuliana Morrone diretamente de Nova York para dar mais informações sobre o assunto.

Giuliana formalmente diz boa noite para Chico e Renata, e também para todos que estão no Brasil, desde então, inicia sua fala dando continuidade ao assunto. Após as informações da repórter, Chico faz perguntas sobre o assunto debatido, Giuliana responde e finaliza sua fala. Sutilmente e brevemente, Chico e Renata a agradecem e chamam o próximo bloco. O primeiro bloco teve a duração de 12'39".

Para o segundo bloco, volta ao estúdio com os âncoras narrando a cabeça de uma reportagem sobre preços baixos de uma liquidação. Renata começa com a fala, ela e Chico trocam olhares e tem um breve diálogo "lido" sobre o assunto da reportagem, que dura aproximadamente 5 segundos. – Entra reportagem.

Na volta ao estúdio, Renata sorri e continua o assunto com uma nota pé. Em seguida, Chico lê uma nota coberta sobre a economia dos Estados Unidos. Renata então continua com uma nota coberta também, narrando sobre a balança comercial do Brasil.

Chico continua falando, dessa vez, lê a cabeça de uma reportagem sobre a indústria que já se recuperou dos efeitos da crise mundial. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio com Renata narrando uma nota coberta sobre a crise da Argentina, enquanto ela dá início para a fala, Chico, a observa, e em seguida eles apenas trocam olhares. Essa é a única interação que acontece naquele momento.

Volta ao estúdio, Chico narrando uma nota coberta sobre um apagão que ocorreu em Rondônia e Acre. Enquanto sua fala se inicia, ele e Renata trocam olhares, de forma sutil.

De volta para Renata, que lê a cabeça de uma reportagem sobre novas críticas que o Programa Nacional de Direitos Humanos recebeu de entidades da sociedade civil, os dois âncoras trocam olhares de forma sutil, e Chico complementa o texto da cabeça. – Entra reportagem. Renata volta lendo uma nota pé. Os âncoras chamam o próximo bloco, dividindo as chamadas. O segundo bloco teve 10'20"

O terceiro bloco inicia com Chico narrando a cabeça de uma reportagem sobre um casal que desapareceu depois da queda de uma ponte no Rio Grande do Sul. – Entra reportagem. Renata volta lendo uma nota coberta sobre o desaparecimento de duas pessoas em Angra dos Reis no Rio de Janeiro.

Âncoras no estúdio narrando a cabeça de uma reportagem sobre sistemas de alerta contra desastres naturais. Chico e Renata apenas trocam olhares sutis, quando um complementa a fala do outro. Renata fala usando gestos. – Entra reportagem.

De volta ao estúdio, Renata narra a cabeça de uma reportagem sobre os temporais que ocorrem em São Paulo, ela e Chico trocam olhares, e ele complementa o texto da cabeça. – Entra reportagem.

De volta ao estúdio, Renata com expressões faciais de tristeza/decepção, lê uma nota pé. Em seguida entra a previsão do tempo com uma vinheta. O quadro é feito por Flávia Alvarenga. A jornalista não é chamada pelos âncoras e não faz nenhuma menção ao estúdio.

De volta ao estúdio, sem comentários sobre a previsão do tempo, os âncoras chamam sobre o próximo bloco. A duração do terceiro bloco foi de 8'20".

Renata volta para o quarto bloco narrando a cabeça de uma reportagem sobre um time de futebol de São Paulo, ela fala com expressões faciais de alegria, e usando gestos, enquanto Chico a observa, também sorrindo. Eles tem um breve diálogo que dura aproximadamente 8 segundos. Renata, sorridente, fala para Chico: “– Que time é esse chico?”, e ele responde sorridente também: “– Aguarde porque vem aí a reportagem, só digo que o clube está de mudança para outra cidade.” – Entra reportagem.

Chico volta lendo uma nota pé, fazendo gestos com as mãos. Enquanto Renata observa seu colega falando, ela também concorda com sua fala fazendo gestos com a cabeça.

Renata então “puxa” o encerramento do JN, os âncoras apenas trocam olhares e se viram sutilmente na bancada. O último bloco foi de 2'58".

5.1.1 Análise da amostra 01: Jornal Nacional exibido em 08/01/2010

Segundo Silva (2009), na atualidade os âncoras brasileiros dispõem-se em três perfis: o formal, o opinativo e o informal. Levando em consideração essa definição, na primeira edição analisada do Jornal Nacional, percebe-se claramente que Chico Pinheiro e Renata Vasconcellos enquadram-se no perfil formal.

Cada âncora acaba por adotar uma postura própria, onde possa interagir com seu telespectador, pois ele se tornou a interação direta do telejornal com o telespectador. Seu perfil é o que passa uma impressão aos que os assistem, como pessoas íntimas; possibilitando com isso maior credibilidade das notícias apresentadas por eles e assim sejam recebidas como verdadeiras.

Chico e Renata buscam com sua maneira formal, atingir a credibilidade do público alvo do Jornal Nacional. Pois comunicam-se através de gestos e olhares e poucas palavras, o objetivo é noticiar com clareza e firmeza, passando segurança ao telespectador. Sendo esse um comportamento típico dos âncoras do Jornal Nacional.

Ainda trazendo os pensamentos de Silva (2009), a tipologia dos âncoras varia de acordo com diretrizes dos telejornais que apresentam; detém-se em três tipos: o primeiro tipo que é o mais formal, é o âncora que segue o script. O segundo tipo que ainda é formal mas tem uma certa liberdade de opinião dentro do telejornal. E o terceiro tipo, que é o âncora que transmite leveza e tem um grau de informalidade bem visível e marcante, e também utiliza uma linguagem mais informal.

Na amostra 1, foi encontrado o primeiro tipo de âncora através da consideração de Silva (2009), um âncora seguindo o *script*, se detendo à leitura, com pouco espaço para suas opiniões próprias. Chico e Renata tem, no máximo um “diálogo pré-programado”, sem muitas interações entre eles, apenas algumas trocas de olhares, e isso faz com que eles continuem sendo o tipo de âncora formal. Pois o segundo tipo, para Silva (2009), são âncoras que possuem maior liberdade de opinião, e isso não ocorre, pois Chico e Renata não utilizam de suas nuances particulares.

Com o estudo de linguagem de acordo com Aita (2011), essa comunicação não verbal, ocorre por gestos, expressões da face e também de mudança de postura corporal. Isso é algo que ocorre na amostra 1, pois nessa edição, Chico e Renata utilizam mais do diálogo/interação não-verbal, esquecendo um pouco do diálogo/interação verbal; que de acordo com os conceitos de Machado (2005), se houvesse mais inserção do diálogo falado entre os âncoras, não pré-programado, essa edição do JN teria ganhado mais humanização.

Ainda segundo a autora, no telejornalismo, 70% da expressividade do comunicador recai sobre o não verbal, e isso é exatamente o que acontece na primeira amostragem, os âncoras têm pouco diálogo verbal, mas não deixam de lado a mudança de suas expressões faciais, e gestos.

Por exemplo, Chico através de suas expressões faciais dentro do telejornal, demonstra decepção, contentamento, e demais sentimentos, sobre a futura notícia que irá ao ar.

Observando o comportamento dos âncoras na amostra 1, e tendo em mente o conceito de Aita (2011), leva-se em conta as semelhanças, a autora declara que torna-se impossível a linguagem falada sem a utilização de gestos, movimentação de partes do rosto e até mesmo movimentos com o próprio corpo, e precisamente isso ocorre no JN entre os âncoras. Um

breve olhar, um breve movimento de corpo, e muitos gestos são feitos durante suas falas no programa.

As interações verbais que ocorrem na amostra 1, são diálogos mais “seco”, sem liberdade de expressão do âncora, pode se dizer que é um “diálogo pronto”. Ao assistirmos a edição isso é claramente perceptível, mas pelo ano ser 2010, apesar dos âncoras estarem mais “engessados”, as interações são presentes, e nítidas.

5.2 Descrição da amostra 02: Jornal Nacional exibido em 20/01/2015 (Anexo 1)

Figura 2



Estúdio - Disposição dos âncoras na bancada no Jornal Nacional em 20/01/2015 – Fonte: Reprodução YouTube.

O primeiro bloco da segunda edição analisada do Jornal Nacional teve a duração de 12'47". William Bonner³ à esquerda e Sandra Annenberg⁴ à direita, estão dispostos à uma bancada, vestindo roupas de caráter formal, e Sandra, se aproximando do casual.

A abertura ocorre formalmente com a escalada. O JN inicia, William e Sandra fazem os cumprimentos de boa noite. Sandra fica com a palavra dando início ao telejornal, lendo a cabeça de uma reportagem sobre imposto de renda, enquanto ela fala, Bonner a observa e concorda com a cabeça, os dois trocam olhares, Bonner complementa o texto da cabeça, e ambos usam gestos ao falar. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio com Sandra, que narra a cabeça de uma reportagem sobre o preço dos combustíveis, usando gestos e também com o uso de infográfico⁵. Entra reportagem.

³ William Bonner, nome artístico de William Bonemer Júnior (Ribeirão Preto, 16 de novembro de 1963), é um jornalista, publicitário, apresentador e escritor brasileiro. É editor-chefe e apresentador do Jornal Nacional, da Rede Globo.

⁴ Sandra Annenberg Paglia (São Paulo, 5 de junho de 1968), mais conhecida como Sandra Annenberg, é uma jornalista e ex-atriz brasileira. É a apresentadora do programa Como Será? e atual âncora do Jornal Hoje, ao lado de Evaristo Costa, telejornal exibido de segunda a sábado pela Rede Globo (do qual também é editora-executiva).

A palavra é dos âncoras novamente, Sandra lê a cabeça de uma reportagem sobre impostos de produtos importados, ela troca olhares com Bonner, faz gestos e também balança a cabeça. – Entra reportagem.

De volta com os âncoras, a palavra fica com Bonner, que lê a cabeça de uma reportagem sobre a tributação no setor de cosméticos, durante sua fala, ele usa gestos, e troca olhares sutis com Sandra. – Entra reportagem.

De volta ao estúdio com Bonner, que lê uma nota pé, complementando o assunto. Sandra continua falando sobre a tributação no setor de cosméticos, logo após da fala de Bonner, obtendo aí um pequeno e breve diálogo de aproximadamente 7 segundos. Sandra diz olhando para o colega e fazendo gestos com as mãos: “– Essas medidas todas, William, claro, provocaram um debate político, a oposição criticou o caminho adotado pelo governo.” E em seguida entra reportagem.

Âncoras na tela, chamando brevemente o próximo bloco. Âncoras durante as chamadas falas trocam sutis olhares.

Sandra volta para o segundo bloco narrando a cabeça de uma reportagem sobre um apagão que aconteceu nas cidades das regiões sul, sudeste, norte e centro-oeste. – Entra reportagem.

Durante a reportagem, entra ao vivo de Brasília a repórter Camila Bomfim, dando continuidade ao assunto sobre o apagão, e energia elétrica. Camila termina sua fala, e chama os âncoras no estúdio, que agradecem de forma breve e formal, as informações.

Bonner continua lendo uma nota pé, trocando olhares com Sandra e usando gestos. Ainda no mesmo assunto, Bonner chama o repórter Carlos de Lannoy ao vivo do Rio de Janeiro para dar mais informações, o cumprimentando apenas com um boa noite. Carlos fala e logo após volta ao estúdio com os âncoras.

Bonner narra a cabeça de uma reportagem sobre o consumo de energia elétrica no horário de verão. Durante sua fala, ele e a colega trocam breves olhares, Sandra concorda com a cabeça e Bonner faz o uso de gestos. – Entra reportagem.

Sandra volta com a palavra, narrando uma nota coberta sobre um vendaval que ocorreu no interior do Paraná. Ela finaliza sua fala e em seguida entra a previsão do tempo com Eliana Marques. Os âncoras não chamam a previsão, que vai ao ar antecedida apenas de uma vinheta.

⁵ Infografia ou infográficos são um tipo de representação visual gráfica, que ajuda a apresentar dados e explicar questões complexas, conduzindo a uma melhor compreensão.

Sem comentários sobre a previsão do tempo, Sandra lê a cabeça de uma reportagem sobre o Papa Francisco e sua declaração sobre planejamento familiar. Durante sua fala, ela e Bonner apenas trocam olhares. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio, os âncoras chamam e o próximo bloco de forma breve. O segundo bloco teve 10'56".

De volta ao estúdio para o terceiro bloco, Sandra lê uma nota pelada sobre uma investigação que a Polícia Federal irá fazer sobre Eduardo Cunha. Bonner entra em outro assunto lendo a cabeça de uma reportagem sobre manifestações que ocorreram nas maiores cidades argentinas para exigir esclarecimento em relação à morte de um procurador que investigava um atentado em Buenos Aires. – Entra reportagem.

Sandra volta com a palavra lendo a cabeça de uma reportagem sobre os terroristas do Estado Islâmico. Durante sua fala, ela e Bonner trocam olhares sutis. – Entra reportagem.

Bonner volta narrando a cabeça de uma reportagem sobre o país onde se escondem os terroristas da Al-Qaeda. Enquanto ele fala, Sandra o observa. – Entra reportagem.

Sandra volta lendo uma nota pelada sobre uma liminar da justiça do Distrito Federal, que determinou a volta imediata ao trabalho de todos os médicos da rede pública da capital do país. Em seguida, Bonner com a palavra, lê uma nota coberta sobre um surfista que foi baleado há 50km de Florianópolis em Santa Catarina.

Sandra também lê uma nota coberta, essa sobre uma rebelião que causou mortes no complexo de presídios do curado no Recife.

Os âncoras chamam as manchetes do próximo bloco. O bloco teve 7'29".

De volta ao estúdio, o quarto bloco inicia com Sandra lendo a cabeça de uma reportagem sobre a Presidente Dilma Roussef que vetou o artigo da medida provisória que previa o refinanciamento de dívidas de clubes de futebol. Os âncoras trocam olhares e Bonner continua falando o texto da cabeça. – Entra reportagem. Sandra volta falando, troca olhares com Bonner, e ambos dizem boa noite finalizando o JN. O total do bloco foi de 2'38".

5.2.1 Análise da amostra 02: Jornal Nacional exibido em 20/01/2015

Assim como apresentado na análise da amostra 1, o que se volta a abordar é o perfil de âncora. Na amostra 2, o segundo programa do Jornal Nacional, os âncoras presentes são William Bonner e Sandra Annenberg, cinco anos depois, eles ainda se vestindo formalmente, e com pouca mudança, pois o perfil de âncora, conceito de Silva (2009), continua o mesmo, o perfil formal.

Dando continuidade ao pensamento de Silva (2009), com a tipologia de âncora, ainda continua com o tipo formal, que como citado anteriormente, é aquele âncora que segue o script, sem espaço para opiniões. Talvez uma mudança poderia ter sido esperada com a diferença de cinco anos de um programa para outro, mas nenhum outro tipo de âncora (Silva 2009) se enquadra com William e Sandra nessa edição do JN.

Mesmo Sandra tendo uma postura mais leve, e transmitindo mais liberdade de gestos e expressões faciais, o tipo de âncora ainda é o formal. Bonner sai também do “modelo engessado”, com expressões mais leves e tentando ter mais interatividade com Sandra.

As oportunidades de diálogo que existem na edição, são praticamente descartadas. Os âncoras ao chamarem repórteres ao vivo de outras cidades, descartam chances de diálogo, apenas se atendo ao “boa noite”, que é algo relacionado à formalidade de qualquer telejornal. Apenas um diálogo verbal ocorre entre os âncoras na amostra 2, não é algo surpreendente ou espontâneo, e sim, algo mais específico, como anteriormente falado, um “diálogo pronto”, onde os âncoras não usam liberdade de expressão, e apenas se atém ao *teleprompter*.

Seguindo o raciocínio de Davis (1979), trocar informações entre si, simplesmente pelo contato visual, é uma capacidade extraordinária do ser humano. Quando ambos ouvem alguma coisa ao mesmo tempo, conseguem entender se concordam ou discordam de tal informação apenas se entreolhando, sem ao menos trocar uma palavra. Nesta amostragem os âncoras utilizam diversas vezes desse subterfúgio de comunicação, evitando a interação verbal.

Na amostragem em análise houve um bom número de comunicação não verbal, percebendo-se entrosamento e na maioria das vezes um entendimento comum entre os âncoras através da troca de olhares, utilizando do comportamento ocular que é simplesmente a maneira mais sutil da linguagem física.

Se o Jornal Nacional fizesse o uso das ideias de Cárrias (2006); que diz sem rodeios: “não há interação sem o diálogo”, veríamos no JN esse importante desenvolvimento da linguagem que seria utilizada pelos âncoras.

5.3 Descrição da amostra 03: Jornal Nacional exibido em 20/02/2017 (Anexo 1)

Figura 3



Estúdio - Disposição dos âncoras na bancada do Jornal Nacional em 20/02/2017 – Fonte: Reprodução: YouTube.

Na terceira edição analisada do Jornal Nacional, William Bonner à esquerda e Renata Vasconcellos à direita, estão dispostos à uma bancada, vestindo roupas de caráter formal, e Renata se aproximando do casual.

A abertura ocorre formalmente com a escalada. O JN inicia, Renata e Bonner se viram na bancada. Logo após, Bonner com a fala, inicia o texto da cabeça de uma reportagem sobre a delação do empresário Alexandre Margotto. Durante sua fala Renata o observa, em seguida, muda de câmera e Bonner fica de lado, como se estivesse de costas para Renata. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio com Renata narrando uma nota pé, Bonner dá continuidade; não há interação entre os âncoras neste momento. Enquanto Renata fala a câmera apenas mostra ela, e vice-versa.

Bonner inicia outro assunto lendo a cabeça de uma reportagem sobre os irmãos que ganharam destaque no noticiário da Lava Jato. Ao fundo, com a mudança de cenário, Bonner continua sua fala e muda de câmera. – Entra reportagem.

Renata com a palavra, lê uma nota pé. Bonner inicia sua fala, lendo uma nota coberta sobre um incêndio na Polícia Federal em Curitiba, no Paraná. Sem interação entre os âncoras.

Renata narra a cabeça de uma reportagem sobre obstrução das investigações da operação Lava Jato. – Entra reportagem.

Renata volta narrando uma nota pé. Bonner dá continuidade. Âncoras sem interação, pois na fala de cada um, estão em plano fechado. A fala de ambos continua, Renata e Bonner intercalam a fala; o assunto encerra.

Bonner com a palavra, narra uma nota pelada sobre Milton Schahin que fechou acordo de delação premiada na Lava Jato. Renata inicia outro assunto, narrando uma nota pelada

sobre uma investigação em relação ao ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha. Bonner continua com a nota pelada. Os âncoras falam em plano fechado, sem interação. Bonner e Renata chamam o próximo bloco. O tempo do primeiro bloco foi de 17'38".

Bonner volta para o segundo bloco narrando uma nota coberta sobre a bolsa de valores de São Paulo. Renata com a fala, lê a cabeça de uma reportagem sobre uma proposta de socorro que o Ministério da Fazenda fez aos estados em crise financeira. – Entra reportagem.

Bonner com a palavra, lê a cabeça de uma reportagem sobre a privatização da companhia estadual de água, luz e esgotos no Rio de Janeiro. A câmera muda e mostra todo o estúdio, porém sem interações com Renata. – Entra reportagem.

Volta ao estúdio com Bonner lendo uma nota pé. Renata lê a cabeça de uma reportagem sobre a falta de estrutura nas delegacias e presídios do Rio Grande do Sul; ao fundo o cenário muda. Bonner observa a colega falando, e a câmera muda, enquadrando imagens dos âncoras de lado. Renata finaliza sua fala. – Entra reportagem.

Bonner falando novamente, lê uma nota coberta sobre uma varredura que o Exército fez nas celas do presídio Urso Branco, em Porto Velho que fica em Rondônia.

Âncoras no estúdio, Bonner observa Renata chamando o próximo bloco e depois complementa. Total do bloco foi de 8'46".

De volta ao estúdio para o terceiro bloco, Bonner com a palavra e o cenário muda, o âncora lê uma nota coberta sobre uma menina que foi resgatada na Síria. Renata também lê uma nota coberta sobre um ataque que aconteceu no aeroporto Kuala Lumpur, na Malásia.

Bonner volta com a palavra, lendo a cabeça de uma reportagem sobre a fome no Sudão do Sul, um país da África que se tornou independente há menos de seis anos. – Entra reportagem.

Âncoras no estúdio, Renata narra uma nota coberta sobre imigrantes que conseguiram pular uma cerca que separa Marrocos de Ceuta. Durante sua fala, Bonner a observa.

Bonner falando novamente, lê a cabeça de uma reportagem sobre o Reino Unido, onde universidades, sindicatos, museus, artistas e empresários se juntaram com milhares de estrangeiros para lembrar a importância dos imigrantes. – Entra reportagem.

Voltando ao estúdio, os âncoras chamam o próximo bloco. Ocorre troca de olhares entre eles. O tempo do bloco foi de 6'39";

O quarto bloco inicia com Bonner narrando uma nota pelada sobre a delação do empresário Alexandre Margotto. Renata fica com a palavra, lendo uma nota coberta sobre a CBF demitir Rogério Micale do cargo de técnico da Seleção Brasileira Sub-20.

De volta ao estúdio, Bonner já de pé, em frente ao telão, chama a previsão do tempo com Maria Júlia (Maju) Coutinho. Bonner apenas a cumprimenta formalmente com um boa noite, e Maju responde dando boa noite para ele, Renata e a todos que estão assistindo. Maju fica com a fala, em seguida acontece um diálogo entre Bonner e ela de aproximadamente 15 segundos. Bonner fala: “– Se o carioca quiser aproveitar esses 22° de mínima provavelmente vai ter que acordar de madrugada, né, Maju?” e ela responde: “– Com certeza, é, seis da manhã a mínima, sete horas, por aí, que ela é registrada.”, Bonner sorri e continua: “– Vamos ver as outras regiões.”, Maju responde: “– Vamos lá, o grosso da chuva, Bonner, vai continuar...”, e Maju continua a previsão do tempo.

No final de sua fala, Bonner complementa: “– Previsão do tempo com Maju Coutinho, que volta amanhã. Maju.”, e ela responde: “– Boa noite, até amanhã.”.

Bonner finaliza sua fala também, dando boa noite a todos, Renata também dá boa noite, Bonner caminha até a bancada e o JN encerra. Tempo do último bloco: 4’22”

5.3.1 Análise da amostra 03: Jornal Nacional exibido em 20/02/2017

Abordando novamente o conceito de Silva (2009), na terceira e última amostragem, os âncoras no programa analisado são William Bonner e Renata Vasconcellos; segundo o pensamento da autora, como já falado, os âncoras brasileiros podem possuir três perfis: o formal, o opinativo, e o informal. Mesmo com a mudança de anos de uma amostragem para outra, na edição de 2017, os âncoras continuam com o perfil formal, eles não possuem opinião dentro do telejornal, e o nível de informalidade é quase inexistente.

Na amostragem em questão percebe-se que o JN é produzido para ser um jornal formal, o que não dá muita abertura aos âncoras para serem opinativos e informais, assim continuando com o primeiro tipo de âncora, o formal (Silva 2009). Com o passar dos anos, o que se espera através da evolução do JN, é que as mudanças sejam maiores, mas, a tipologia dos âncoras não se encaixa no tipo 2, e nem no tipo 3, segundo Silva (2009).

Pois no tipo 2, os telejornais teriam de oferecer maior liberdade de opinião aos âncoras, e no tipo 3 os âncoras nem precisariam mais da bancada, e sim só sentariam em poltronas e andariam pelo estúdio. Sendo assim, novamente os âncoras apenas se encaixam no tipo 1.

Nesta amostra houve um progresso significativo, após uma reportagem, de volta ao estúdio, Bonner em pé (fora da bancada), em frente ao telão, cumprimenta Maria Júlia (Maju) Coutinho, ela responde estendendo à Renata e a todos que estão assistindo o JN. Maju fica com a fala, acontece um diálogo informal, entre ela e Bonner, de aproximadamente 15

segundos. Conversam sobre trivialidades em relação à temperatura carioca do dia posterior, e na sequência Maju continua a previsão do tempo. Logo após, ela se despede dando o seu “boa noite e até amanhã”.

De acordo com os conceitos de Córdias (2006), esse tipo de diálogo, o falado, é uma característica do mundo contemporâneo, caminhando junto com o desenvolvimento técnico-científico. A incapacidade para o diálogo infelizmente está alienando as pessoas e lhes roubando algo muito importante, o prazer da interação humana, isto é, o diálogo. Por isso a importância de que haja um aumento significativo de diálogos mais improvisados no futuro do JN.

Mas a diferença desta edição se dá ao diálogo falado não ser pronto, ele é um diálogo que ocorre muito mais livremente e com expressão maior na fala dos âncoras. Ao assistir a edição, percebe-se que essa fala dialógica que ocorre entre Bonner e Maju, é algo simples e descontraído, notando com isso, a liberdade maior do âncora.

Não deixando de ressaltar que mesmo contendo interação dialógica na amostra 3, existe ainda a linguagem não verbal dentro do estúdio, porém com menos frequência, pois a mudança de formato do telejornal que ocorreu em abril de 2015, permite mais modernidade entre planos e imagens dentro do estúdio, e com isso, podendo dizer que a interação entre os âncoras, de forma não verbal, diminuiu significativamente.

Nesta amostragem seguindo o raciocínio de Cotes (2008), os âncoras utilizam da expressão corpo/voz/palavra. Ou seja, esses três termos transmitem o mesmo significado ao ouvinte, o corpo se movimenta, os gestos de suas mãos, seu olhar, sua postura, todos representam o mesmo conteúdo da palavra que o âncora está falando.

5.4 Análise quantitativa

A análise quantitativa deste trabalho obtém a quantidade de diálogos que estiveram presentes nas três amostras analisadas do Jornal Nacional. Aqui, os diálogos (interações) são tanto dialógicas quanto não verbais, de acordo com os conceitos de Aita (2011), Davis (1979), Cotes (2008) e Primo (2011).

TABELA 2

	Interação Dialógica	Interação Não Verbal
2010	3	9
2015	1	10
2017	1	1

Fonte: Szymanski (2017)

5.5 Análise Qualitativa

Diante da análise feita dos três programas do Jornal Nacional, dos anos 2010, 2015 e 2017, algumas questões foram de fato, resolvidas, e outras novas surgiram. Importante destacar que para tal análise se utilizou do conceito de Interação, segundo Primo (2011), que defende que no processo de interação mútua é necessário deixar de lado a observação exclusiva no comunicador individual, partindo para a perspectiva sistêmico-relacional, onde “duas pessoas agindo entre si cria o fenômeno conhecido como *interação* – a conexão entre ações e, logo, entre pessoas que executam aquelas ações.” (PRIMO, 2011, p. 102). Além disso, a Interação nesta análise diz respeito ao conceito de Interação Reativa de Primo (2011), aliada a previsibilidade e automação nas trocas.

Na primeira amostragem, edição de 2010, não era esperado talvez um grande número de diálogo/interação, mas assistindo à essa amostra, que ora foi apresentada pelos âncoras Chico Pinheiro e Renata Vasconcellos, que enquadram-se no perfil formal, o número de interação dialógica e interação não verbal, levando-se em conta o ano de sua exibição, esse número de interações pode ser até considerado alto para o que se esperava dessa primeira amostragem, pois houve nove interações não verbais, e três interações dialógicas. O que deve ser levado em conta ainda é que Chico e Renata, na referida amostragem não eram os âncoras oficiais do JN. E mesmo assim conseguiram comunicar-se dentro da realidade do programa; entra aí a personalidade individual de cada âncora, mesmo Chico não sendo o âncora fixo do telejornal, ele conseguiu um grande número de interações com sua colega de bancada, por ter uma personalidade mais descontraída, talvez mais informal e espontâneo, não se deixando levar totalmente pelo modelo “engessado”.

Na segunda amostragem, edição de 2015, apresentada por William Bonner e Sandra Annenberg. Bonner editor-geral do programa e âncora fixo, Sandra por outro lado é uma âncora eventual, mesmo com isso a postura de Sandra ser formal, seu modo de noticiar demonstra uma leveza em sua fala, e ela também apresentou facilidade em se “conectar” com

Bonner, resultando em uma edição com variadas interações, conseguindo obter interação verbal e não verbal com o âncora já adaptado ao programa.

Apesar do ano ser 2015, cinco anos após a primeira amostragem, o número de interações não apresentou grande variação. Foram 10 interações não verbais entre Bonner e Sandra, e ainda uma interação verbal. É interessante observar que Bonner consegue sair levemente do seu “modelo engessado”, com expressões mais leves, conseguiu uma boa interatividade com Sandra, com quem não era acostumado a dividir a bancada. Sandra com sua personalidade espontânea e de certa forma mais informal, pode-se dizer que deixa o programa mais leve em alguns pontos, como nos olhares entre os âncoras.

Ressalta-se que houve apenas um diálogo verbal entre os âncoras, porém, se tratava de um “diálogo pronto” onde eles utilizaram o *teleprompter*.

Trazendo a terceira amostragem para discussão, sendo essa uma edição de 2017, com os âncoras fixos, William Bonner e Renata Vasconcellos, ainda seguindo o perfil formal, pois, esse é o padrão seguindo no Jornal Nacional. Nesta amostragem houve uma mudança na maneira em que as câmeras enquadraram os âncoras. Nas edições anteriores é perceptível que os planos são basicamente os mesmos, já nessa edição, com a mudança do formato do telejornal que ocorreu em abril de 2015, vemos que os âncoras são mostrados de maneiras diferentes, na maioria das vezes, em planos fechados, cada um com sua fala, dificultando a percepção da interação não verbal entre eles. Apesar disso não possuem ainda um espaço para expor opiniões próprias, sendo que o nível de informalidade é quase inexistente. Com isso, fica perceptível que para os produtores do programa, talvez o diálogo não seja algo tão importante assim, pois o novo formato, adotado em 2015, prejudica a interação entre os âncoras, deixando eles ainda mais engessados e com pouca liberdade dentro do estúdio.

De 2010 para 2017, sete anos que se passaram, com isso, talvez o esperado tenha sido de, nesta última edição analisada, obter mais diálogo/interação, tanto verbal quanto não verbal, mas não é isso que é identificado. Nesta edição ocorreu apenas uma interação verbal, e uma interação não verbal. Isso nos faz pensar que talvez não tenha existido mudança no decorrer dos anos, mas pode-se dizer que algo relevante ocorreu. O diálogo que existe nesta amostra, é entre Bonner e Maria Júlia (Maju) Coutinho, a apresentadora do quadro “previsão do tempo”. Neste diálogo, diferente das outras amostras, Bonner está em pé, em frente a um telão, já interagindo com Maju, esse é um diálogo muito mais leve, um diálogo com mais liberdade do âncora e da apresentadora, onde eles conversam sobre a previsão do tempo do Rio de Janeiro. Essa interação verbal que ocorre entre ambos, faz-nos ver a mudança então dos diálogos que ocorreram nas edições anteriores. Como já ressaltado, os diálogos

encontrados nas edições de 2010 e 2015, claramente são diálogos prontos, e essa é a diferença para com a edição de 2017 onde essa interação acontece de forma muito mais natural, e nitidamente no improvisado.

Conclui se portanto a partir das considerações realizadas nesta análise que o tipo de diálogo predominante nos telejornais foi o diálogo não verbal, mesmo contendo a forma dialógica de interação, o diálogo não verbal foi o que predominou. O tipo/perfil do âncora predominante no JN é o formal, pois os âncoras não apresentam muita liberdade de expressão ou opinião. O tipo de interação mais visto nas três amostras, com certeza foi a interação não verbal, onde os âncoras trocam olhares para interagir.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do proposto no início deste trabalho, constata-se que ao contrário da expectativa desta pesquisadora, as mudanças no JN no período analisado não apresentaram no contexto o esperado, pois foram pesquisados diversos aspectos do Jornal Nacional, onde as fontes usadas para o trabalho sinalizavam uma grande mudança no JN no período do ano de 2015. Mas assistindo às amostras em questão foi constatado que o telejornal continuou sendo um dos telejornais mais formais da atualidade, deixando os âncoras sem a opção de exprimir em algum diálogo sua opinião, humanizando mais o telejornal e dando um aspecto mais leve para o mesmo. O formato “novo” adotado em 2015 apenas desfavoreceu a interação entre os âncoras, tirando ainda mais o espaço que eles tinham para essa interação tanto dialógica quanto não verbal. Convém destacar os depoimentos dos profissionais ligados ao telejornal, onde ficou clara a resistência à informalidade, que se exagerada pode prejudicar a credibilidade da notícia.

Importante chamar atenção também que no período analisado, desde a primeira até a terceira e última amostragem, houveram grandes mudanças na divulgação de notícias na televisão, citando-se apenas um ponto, a divulgação através da internet, onde a notícia é dada com rapidez quase que instantaneamente ao acontecimento, onde cada site tem sua liberdade de expressão abrangente. Partindo disto, pressupõe-se a importância do diálogo mais presente no telejornal para que ele seja cada vez mais humanizado. O âncora deveria ter a liberdade de poder fazer algum comentário sobre a notícia que acabou de ler, pois, como vimos, é ele quem passa a credibilidade do fato noticiado. Esse é sim é o papel do âncora, ser mais livre, ter mais interação com o seu colega de bancada, e assim, conseguir mais ainda a aproximação do seu público. Dentre as questões analisadas, leva-se como decorrência que quem está por trás das câmeras, ou seja, a parte de produção e edição do JN não está preocupada com o espaço de interação que existe dentro do telejornal.

É comum identificarmos um telejornal só citando seu âncora, então nada mais justo seria do mesmo ter a liberdade de acrescentar ao telejornal seu modo de pensar. Pois é a partir do diálogo falado pelos âncoras, a parte humana do telejornal, que o telespectador se conecta com o que está ouvindo; e aí está a importância do diálogo, à vista disso é o que deixa a abertura para o telespectador se sentir parte do telejornal.

Isso foi constatado pela pesquisadora na visualização da terceira amostragem, onde Bonner, âncora do JN, dialoga livremente com Maria Júlia (Maju) Coutinho, o que trouxe nitidamente humanização no quadro “Previsão do Tempo” do referido telejornal.

Percebeu-se analisando as três amostragens que a interação dialógica e a não verbal pouco mudou durante os sete anos transcorridos; sendo que o formato da última amostragem ao invés de conseguir com que houvesse maior interação, tornou-se quase nula. Para termos um telejornal mais expressivo e contemporâneo há uma certa necessidade de mudança, no telejornalismo 70% da expressividade de um comunicador recai sobre o não verbal. Como vimos no referencial teórico desta pesquisa, na interação face a face, o diálogo vêm acompanhado de informações não verbais, que podem reduzir ou até mesmo ampliar ambiguidades.

Como já visto neste trabalho, a nova roupagem do JN, os âncoras não estão conseguindo interagir entre si, onde conseguem apenas expressar seus argumentos através de expressões faciais, pequenos gestos e em alguns momentos imposição da voz, mas muito longe do modelo socrático, que continua restrito apenas em programas mais ousados que fogem dos padrões.

A partir da importância da notícia em televisão para o público, é de suma importância que o espaço do diálogo verbal e não verbal do JN tivesse um espaço maior. Se houver por parte da emissora o respaldo para maior interação dos âncoras à explanação das notícias, obviamente que o telejornal conquistará além de seu já índice de audiência, possivelmente um novo tipo de público alvo.

No decorrer destes sete anos muitas coisas mudaram, assim como a opinião de quem assiste ao telejornal em questão, que espera, como a pesquisadora também esperava que mudanças significativas tivessem ocorrido, destacando a tese deste trabalho, que é um aumento do espaço do diálogo dentro do JN. Nota-se que não houve uma mudança tão grande com o passar dos anos; a proposta de mudança no formato do telejornal que ocorreu em 2015, não foi alcançada completamente. Muitas coisas mudaram no JN desde então, mas, o aumento da interação tanto dialógica como não verbal, não ocorreu.

Diante da perspectiva da pesquisadora não ter sido totalmente alcançada é latente a necessidade de uma certa continuidade nesse tipo de pesquisa, para que seja acompanhada possíveis futuras mudanças, em especial o maior espaço de diálogo dentro do Jornal Nacional; face à proposta de mudança projetada em 2015 não se confirmar completamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AITA, Pricila Aparecida. *Linguagem Corporal à Frente da Bancada: a colaboração do não-verbal no telejornalismo*. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação; ano 4 – Edição 2. São Paulo; fevereiro, 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo : Edições 70, 2012.

BECKER, Beatriz. *Telejornalismo de qualidade: um conceito em construção*. Revista Galáxia, São Paulo. n10, p 51-64, dez. 2005.

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal. Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*, 2005, 2ªed., Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda.

BONNER, William. *Jornal Nacional: Modo de fazer*. Memória Globo; Editora Globo, Rio de Janeiro, 2009.

CÁRDIAS, Sibebe Macagnan. *O diálogo como elemento mediador de práticas educativas e reflexivas*, 2006.

COTES, Cláudia Simone Godoy Cotes. *O estudo dos gestos vocais e corporais no telejornalismo brasileiro*. Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem; São Paulo; 2008.

CUNHA, Albertino Aor da. *Telejornalismo*. São Paulo, Editora Atlas S. A., 1990.

DAVIS, Flora. *A comunicação não-verbal*. 7 ed. São Paulo : Summus, 1979 196 p.

GOMES, Itânia APUD *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*, 2013, p.225.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2005.

MEDITSCH, Eduardo APUD *#telejornalismo: nas ruas e nas telas*, 2013, p.211.

PEREIRA, Ingrid Duarte. *Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo*. Brasília – DF, 2015.

PRIMO, Alex. *Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. 3.ed. Porto Alegre : Sulina, 2011, 239 p.

RAMOS, Roberto José. *A linguagem dos âncoras no Jornal Nacional*. Revista ALTERJOR, ano 07, vol. 01, edição 13, 2016.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil – um perfil editorial*. São Paulo, Summus Editorial Ltda, 2000.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. *Poucas palavras; Um estudo da linguagem oral no telejornalismo brasileiro*. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2001.

SILVA, Camila Pérez Gonçalves da. *Âncora: posturas e evolução de uma atividade jornalística*. Revista Eletrônica Tematica, Ano V, nº 06, 2009.

SQUIRRA, S. *Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro / S. Squirra*. – Petrópolis, RJ : Vozes, 1993.

ANEXOS